





O Toque do
HIGHLANDER



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *O Toque do Highlander*

AUTORIA: *Karen Marie Moning*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2013 Edições Saída de Emergência Lda.

Título original The Highlander's Touch, Copyright © 2000 by Karen Marie Moning, publicado nos E.U.A. por Dell Publishing.

TRADUÇÃO: *Teresa Martins de Carvalho*

REVISÃO: *Rosa Vilaça*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Cafilesa - Soluções Gráficas, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Julho, 2013*

ISBN: 978-989-637-536-2

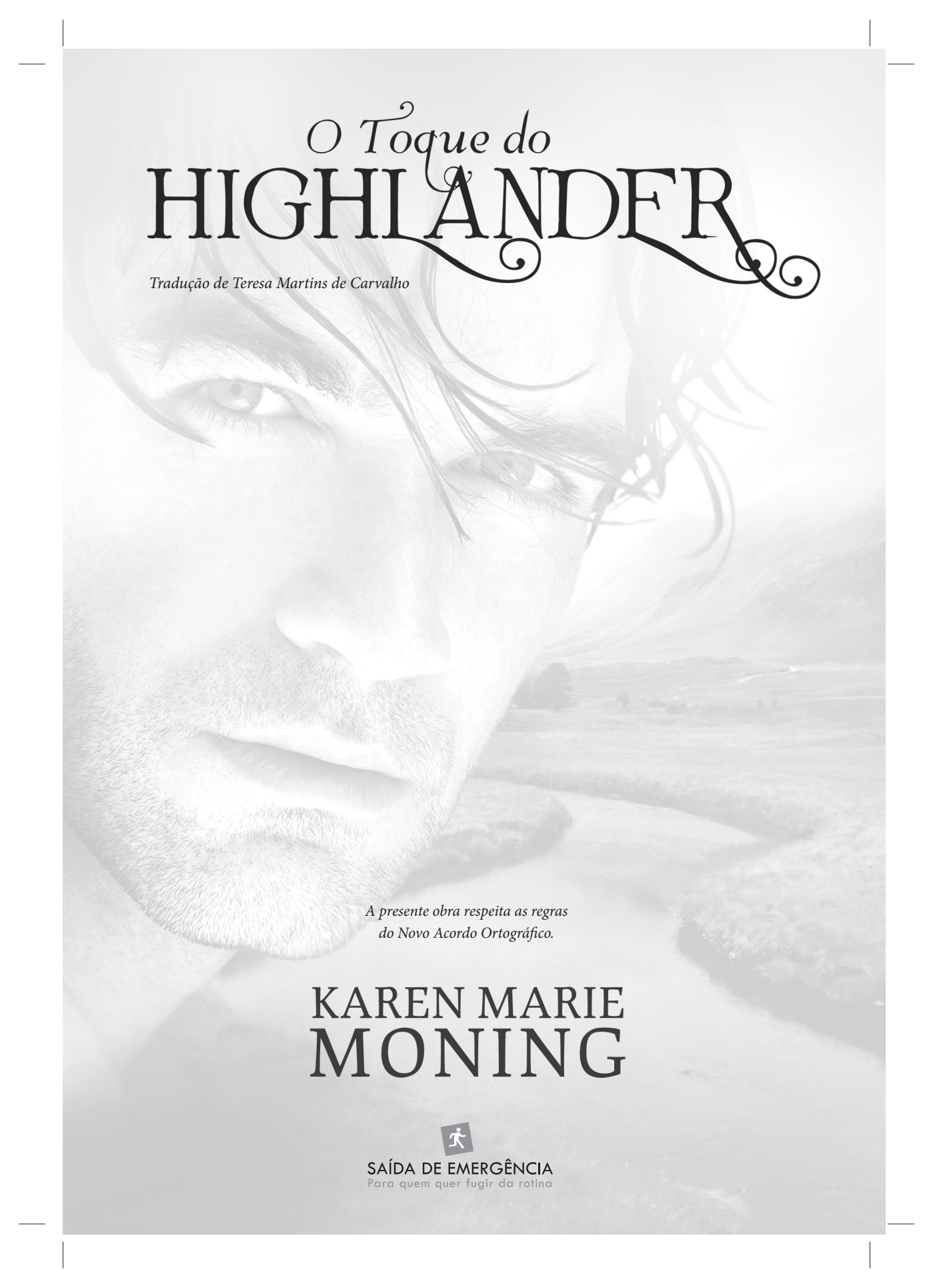
DEPÓSITO LEGAL: 360119/13

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA LDA.

Rua Adelino Mendes, N° 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro de Estoril, Portugal

Tel e Fax: 214 583 770

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM



O Toque do HIGHLANDER

Tradução de Teresa Martins de Carvalho

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*

KAREN MARIE
MONING



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina



Pelo puro amor de fazê-lo...

Sim sou esse alegre vagabundo da noite.
Sou eu que faço rir Oberon¹ com as minhas travessuras...
— SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO²/SHAKESPEARE

¹ Rei dos elfos. (N. da T.)

² Tradução de Charles David Ley e João Gaspar Simões, Editorial Presença. (N. da T.)

Prólogo

HIGHLANDS DA ESCÓCIA
CASTELO BRODIE — 1308

Adam Black materializou-se no Salão Nobre.

Silenciosamente, observou o altaneiro guerreiro andando de um lado para o outro diante do fogão.

Circenn Brodie, *laird* e cavaleiro de Brodie, emanava o magnetismo de um homem não meramente nascido para existir neste mundo, mas para conquistá-lo. *O poder jamais foi tão sedutor*, pensou Adam, *salvo, porventura, em mim*.

O objeto do seu estudo virou costas ao fogão, sem se deixar perturbar pela silenciosa presença de Adam.

— O que queres *tu*? — disse Circenn.

Adam não se surpreendeu com o tom. Aprendera há muito a não esperar cortesia deste *laird highlander* em particular. Adam Black, o mortal bobo da corte da Rainha das Fadas, era uma irritação que Circenn sofria a contragosto. Chegando uma cadeira com o pé ao fogão, Adam instalou-se nela virado para trás, pousando os braços sobre o encosto de ripas. — Isso é maneira de me receber após meses de ausência?

— Sabes que abomino que apareças sem avisar. E quanto à tua ausência, tenho vindo a saborear a minha boa sorte. — Circenn virou-lhe costas e postou-se de frente para o fogão.

— Sentirias a minha falta se eu me ausentasse por muito tempo — assegurou-lhe Adam, estudando-lhe o perfil. *É pecaminoso que ele pareça tão poderosa fera, e contudo se comporte com tal decoro*, pensou Adam. Se Circenn Brodie se parecia com um selvagem guerreiro picto³, então, por Dagda⁴, deveria agir como tal.

³ Antigos habitantes do norte e leste da atual Escócia, referidos pelos Romanos como Picti (pintados ou tatuados). A origem deste povo aguerrido e de tez morena é um mistério, mas há quem acredite ser pré-celta e provir da Península Ibérica. A sua identidade acabou por se diluir na amálgama de povos a que se deu o nome de Escotos, para reaparecer mais tarde em mitos e lendas. (N. da T.)

⁴ Deus supremo do panteão celta, figura paternal e protetora da tribo. (N. da T.)

— Da mesma forma que poderia sentir a falta de um buraco no meu escudo, de um javali no meu leito, ou de um incêndio nos meus estábulos — disse Circenn. — Vira-te para a frente na cadeira e senta-te como uma pessoa decorosa.

— Ah, mas eu não sou decoroso nem pessoa, por isso não tens de contar que eu respeite os teus requisitos. Estremeço só de pensar no que farias sem todas as tuas regras para uma existência “normal”, Circenn. — Como Circenn se inteiriçasse, Adam abriu-se num sorriso e estendeu uma mão graciosa para uma criada que jazia pendente nas sombras, no perímetro do Salão Nobre. Atirou a cabeça para trás, lançando o sedoso cabelo negro por sobre os ombros. — Chega aqui.

A criada aproximou-se, o seu olhar dardejando entre Adam e Circenn, como que incerta de cujo homem representaria a maior ameaça. Ou o maior engodo.

— Posso servir, milordes? — disse, esbaforida.

— Nã, Gillendria — dispensou-a Circenn. — Para a cama contigo. Já passa bem da hora dos duendes — lançou um olhar sombrio a Adam — e o meu hóspede não tem necessidades que eu cuide ver satisfeitas.

— Oh, sim, Gillendria — ronronou Adam. — Há muitas maneiras de me servires esta noite. Tomarei prazer em ensinar-tas todas. Desanda para os teus alojamentos enquanto nós homens falamos. Lá me juntarei a ti.

Os olhos da jovem criada arregalaram-se ao mesmo tempo que se apressava a obedecer-lhe.

— Deixa as minhas catraias sossegadas — ordenou Circenn.

— Eu não as deixo prenhes. — Adam abriu-se no seu mais insolente sorriso.

— Não é isso que me apoquentas; é o facto de se quedarem desatinadas de todo depois de te haveres com elas.

— Desatinadas? Quem se quedou desatinado esta noite?

Circenn crispou-se mas nada disse.

— Onde estão as relíquias, Circenn? — Um lampejo travesso acendeu-se nos olhos distantes de Adam.

Circenn virou completamente as costas à fada.

— *Protegeste-as para nós, não?* — perguntou Adam. — Não me digas que as *perdeste*? — admoestou, à falta de resposta de Circenn.

Circenn voltou-se de frente para ele, pernas afastadas, cabeça espetada, braços cruzados; a sua costumada posição de silenciosa fúria. — Porque me fazes perder tempo com perguntas quando já sabes as respostas?

Adam encolheu elegantemente os ombros. — Porque quem nos escuta à socapa não poderá seguir esta esplêndida saga se não falarmos das coisas em voz alta.

— Ninguém escuta à socapa no meu castelo.

— Esqueci-me — ronronou Adam — de que ninguém se porta mal no Castelo Brodie. No sempre imaculado, sempre disciplinado e perfeito Castelo Brodie. Enfadas-me, Circenn. Este modelo de contenção que pretendes ser é um desperdício da fina casta que te gerou.

— Ponhamos fim a tal conversa, sim?

Adam cruzou os braços sobre o encosto da cadeira. — Muito bem. O que se passou esta noite? Os Templários ficaram de ir ao teu encontro em Ballyhock. Iriam confiar as relíquias ao teu cuidado. Ouvi dizer que sofreram uma emboscada.

— Ouviste bem — replicou Circenn calmamente.

— Entendes quão importante é que aos Templários seja dada guarida na Escócia, agora que foram feitos debandar?

— É claro que entendo — resmungou Circenn.

— E quão imperativo é que as relíquias não caiam nas mãos erradas?

Circenn dispensou a pergunta de Adam com um impaciente aceno de mão. — As quatro relíquias foram postas em segurança. No momento em que suspeitámos que os Templários iriam ficar sitiados, a lança, o caldeirão, a espada e a pedra foram trazidos a toda a pressa para a Escócia, a despeito da guerra que grassa. Mais vale que repousem num país dilacerado do que nas mãos dos Templários perseguidos, cuja Ordem está a ser exterminada. As relíquias estão a salvo...

— À exceção do frasco, Circenn — disse Adam. — O que é feito dele? Onde está ele?

— O frasco não é uma relíquia — esquivou-se Circenn.

— Eu bem sei — disse Adam secamente. — Mas o frasco é um tesouro sagrado da nossa raça, e todos estaríamos em risco se ele caísse nas mãos erradas. Repito, onde está o frasco?

Circenn enterrou uma mão no cabelo, arredando-o do rosto. Adam foi sensível à sensual majestade do homem. O sedoso cabelo negro ficou preso entre dedos elegantes, revelando um rosto composto de fortes depressões, uma mandíbula cinzelada, e sobrolhos escuros. Ele tinha a pele cor de azeitona, os olhos intensos e o temperamento agressivo e dominador dos seus antepassados Brude.

— Não sei — disse Circenn por fim.

— Não sabes? — Adam imitou-lhe o cerrado sotaque, ciente de que tal admissão haveria de ter sabido a fel na língua de Circenn Brodie. Nada estava jamais fora do controlo do *laird* de Brodie. Regras e mais regras governavam tudo e todos no mundo de Circenn. — Um frasco contendo um elixir sagrado, criado pela minha raça, desaparece-te das próprias mãos e tu *nã sabes* onde ele está?

— A situação não é tão medonha assim, Adam. Ele não está permanentemente perdido. Pensa nele como estando... temporariamente deslocado, a ser recuperado não tarda.

Adam arqueou um sobrolho. — Perdes-te em miudezas. Astúcia e rodeios são artes de mulher, Brodie. O que aconteceu?

— Ian carregava o cofre que contém o frasco. Quando se deu o ataque, eu estava do lado sul da ponte à espera que Ian a atravessasse vindo de norte. Ele sofreu um golpe na cabeça e foi lançado ponte fora, para o rio lá em baixo. O cofre foi levado pela corrente...

— E dizes tu que não é assim tão mau? Qualquer um o pode ter agora. Gostarias de ver o rei inglês a deitar mãos ao frasco? Entendes o perigo que isso representa?

— É claro que entendo. Não chegará a isso, Adam — disse Circenn. — Eu lancei um *geas*⁵ ao frasco. Não cairá em mãos alheias, pois no momento em que for descoberto será recambiado para mim.

— Um *geas*? — bufou Adam. — Uma magia de nada. Uma fada como deve ser tê-lo-ia simplesmente invocado do rio para fora.

— Eu não sou um *fae*. Sou um Escoto-Brude e orgulhoso disso. Dá-te por feliz que eu o haja amaldiçoado sequer. Sabes que não sou amante dos costumes druidas. As maldições são imprevisíveis.

— Que esperta invocação escolheste tu, Circenn? — perguntou Adam melifluamente. — *Escolheste* bem as tuas palavras, não?

— É claro que escolhi. Julgas que nada aprendi com os erros passados? No momento em que o cofre for aberto e o frasco tocado por mão humana, será recambiado para mim. Amaldiçoei-o muito especificamente.

— Especificaste se o frasco viria por si só? — perguntou Adam com súbito divertimento.

— O quê? — Circenn encarou-o atarantado.

— O frasco. Consideraste que o mortal que o tocar poderá ser transportado com o frasco, se é que usaste um feitiço de amarração?

Circenn fechou os olhos e esfregou a testa.

— Usaste um feitiço de amarração. — Adam suspirou.

— Usei um feitiço de amarração — admitiu Circenn. — Era o único que eu conhecia — acrescentou na defensiva.

— E de quem é a culpa disso? Quantas vezes recusaste tu a honra de seres adestrado entre o meu povo? E a resposta é sim, Circenn, o homem *será* carregado pelo feitiço de amarração. Tanto homem como frasco te virão parar às mãos.

⁵ Ou *geis*: feitiço mágico, segundo a mitologia celta irlandesa, que pode ser comparado a uma maldição, ou, paradoxalmente, a um dom. (N. da T.)

Circenn resmungou de frustração.

— Que farás tu com esse homem quando ele chegar? — insistiu Adam.

— Interrogo-o, depois apresso-me a restituí-lo a casa.

— Matá-lo-ás.

— Já *sabia* que dirias isso. Adam, ele pode nem sequer entender o que o frasco é. E se for um pobre inocente a encontrar o cofre dado à margem do rio, algures?

— Então matarás o pobre inocente — disse Adam com ligeireza.

— Não farei tal coisa.

Adam ergueu-se com a graciosa segurança de uma serpente que se desenrosca para o ataque mortal. Transpôs o espaço entre eles e deteve-se a uns dedos de Circenn. — Farás, sim — disse suavemente. — Porque o amaldiçoaste tolamente, sem pensar o bastante no resultado. Quem quer que venha com o frasco aterrá em cheio num santuário de templários. A tua maldição trá-lo-á, inocente ou não, para um lugar onde ninguém mais tem entrada senão os teus guerreiros foragidos. Julgas poder simplesmente enviá-lo de volta com um passa-bem e jamais-fales-disto, forasteiro? E, já agora, por favor não menciones que metade dos templários desaparecidos permanecem entre as minhas paredes, nem te deixes tentar pelo prémio das suas cabeças. — Adam revirou os olhos. — Portanto matá-lo-ás, pois comprometeste a tua vida a pôr Robert de Bruce bem firme no trono, e a não correr riscos desnecessários.

— Não matarei um pobre inocente.

— Fá-lo-ás ou farei eu. E sabes que tenho o costume de brincar com as minhas presas.

— Torturarias um inocente até à morte. — Não era uma interrogação.

— Ah, bem me entendes. As tuas opções são simples: ou o fazes tu, ou o faço eu. Escolhe.

Circenn procurou os olhos da fada. *Não busques compaixão, nenhuma tenho*, foi a mensagem que neles leu. Após um prolongado momento, Circenn inclinou a cabeça. — Eu me encarregarei do portador do frasco.

— Matarás o portador do frasco — insistiu Adam. — Ou fá-lo-ei eu.

A voz de Circenn soou categórica e furiosa. — Matarei o homem que trouxe o frasco. Mas será feito a meu modo. De forma célere e indolor, e tu não interferirás.

— Isso me basta. — Adam deu um passo atrás. — Jura-o pela minha raça. Jura-o pelos *Tuatha Dé Danaan*⁶.

— Sob uma condição. Em troca da promessa que agora te faço, não macularás a minha porta de novo sem seres convidado, Adam Black.

⁶ Deuses da mitologia celta, representados como heróis ou fadas. (N. da T.)

— Estás certo de ser isso que queres? — Os lábios de Adam cerraram-se de desagrado. Circenn retomara a sua postura furiosa de braços cruzados e pernas afastadas. *Tão glorioso guerreiro, negro anjo. Poderias ter sido o meu mais poderoso aliado.*

— É isso que quero.

Adam inclinou a cabeça morena, um sorriso de mofa brincando-lhe aos cantos dos lábios. — Seja pois como pediste, Brodie, filho dos reis Brude. Agora jura.

Para salvar um homem de uma dolorosa morte às mãos da fada, Circenn tombou de joelhos e comprometeu-se perante a mais antiga raça da Escócia, os *Tuatha Dé Danaan*, a honrar o seu voto de matar o homem que chegasse com o frasco. Depois suspirou de alívio quando Adam Black, o *sin siriche du*, o mais negro dos elfos, desapareceu para não mais lhe tornar a macular a porta pois que Circenn jamais lhe faria um convite, nem que mil anos vivesse.

CAINDO...

*Por montes e vales, por montes e vales,
Comigo os levarei por montes e vales;
Todos me temem, na cidade e no campo,
Espírito errante por montes e vales.*
— SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO/SHAKESPEARE



ATUALIDADE

— Ei! Atenção ao caminho! — gritou Lisa, quando o *Mercedes* ultrapassou à toa um vagaroso táxi e passou perigosamente perto dela, postada no meio-fio, salpicando-lhe as calças de ganga de água enlameada.

— Ora, sai da estrada, sua idiota! — berrou o condutor do *Mercedes* ao telemóvel. Lisa estava suficientemente perto para o ouvir dizer ao telefone, “Não, não és tu. Pareceu-me uma sem-abrigo. Pensar que pagamos impostos...” A voz desvaneceu-se à medida que o carro se afastou.

— Eu não estava na estrada! — berrou-lhe Lisa nas costas, enterrando mais o boné de basebol na cabeça. Até que as palavras dele bateram fundo. — Sem-abrigo? — Santo Deus, é o que eu pareço? Olhou de relance as calças de ganga coçada, gastas e esfiapadas nas bainhas. A *T-shirt* branca, embora limpa, estava fina e puída de centenas de lavagens. Talvez o impermeável já tivesse visto melhores dias, uns anos antes de ela o comprar em segunda mão no Sadiès, mas era durável e mantinha-a seca. A bota tinha um buraco, mas ele não o podia ter visto, pois ficava na sola. As poças gélidas da chuva recente entravam-lhe pela bota dentro, encharcando-lhe a meia. Contorceu os dedos, desconfortável, e tomou mentalmente nota para pôr mais fita adesiva na bota. Mas certamente que não parecia uma sem-abrigo? Estava imaculadamente limpa, ou pelo menos estivera antes de ele passar a abrir.

— Não pareces nada uma sem-abrigo, Lisa. — A voz indignada de Ruby interrompeu-lhe os pensamentos. — Ele é que é um empertigado do caraças que acha que quem não guia um *Mercedes* não merece viver.

Lisa lançou a Ruby um sorriso grato. Ruby era a sua melhor amiga. Todas as noites conversavam enquanto esperavam juntas o expresso para a cidade, onde Lisa ia fazer o seu trabalho de limpeza e Ruby cantava num clube na baixa.

Lisa olhou pesarosa a *toilette* de Ruby. Por baixo de uma clássica gabardina cinzenta, usava um vestido preto espetacular adornado por uma fiada de pérolas. As provocantes sandálias de tiras revelavam as unhas tratadas com manicura francesa; sandálias que dariam de comer a Lisa e à mãe por um mês. Nem um homem vivo deixaria o carro salpicar Ruby Lanoue. Outrora, Lisa poderia ter sido assim, também. Mas não agora, tão endividada que não via saída possível.

— E sei que ele nem te viu bem a cara. — Ruby enrugou o nariz, irritada com o condutor desaparecido. — Se o tivesse feito, certamente teria parado e pedido desculpas.

— Por eu parecer tão deprimida? — perguntou Lisa retorcidamente.

— Por seres tão bonita, querida.

— Pois. Certo — disse Lisa, e se lá havia um laivo de azedume, Ruby ignorou-o diplomaticamente. — Não interessa. Não ando a tentar impressionar ninguém.

— Mas bem podias. Não fazes ideia do teu aspeto, Lisa. Ele devia ser *gay*. É a única razão para um homem deixar passar uma mulher tão deslumbrante como tu.

Lisa sorriu debilmente. — Nunca desistes, pois não, Ruby?

— Lisa, tu és linda. Deixa-me embonecar-te e exhibir-te. Tira esse boné e solta o cabelo. Porque achas tu que Deus te deu um cabelo tão magnífico?

— Eu gosto do meu boné. — Lisa puxou protetoramente pelo boné dos Cincinnati Reds, como se receasse que Ruby lho arrebatasse. — Foi o meu pai que mo comprou.

Ruby mordeu o lábio hesitante, e encolheu os ombros. — Não te podes esconder debaixo dele para sempre. Sabes quanto gosto de ti, e sim — dispensou com um aceno o protesto de Lisa antes sequer de lhe chegar aos lábios —, sei que a tua mãe está a morrer, mas isso não significa que tu estejas também, Lisa. Não te podes deixar derrotar.

A expressão de Lisa mais se fechou. — O que vais cantar no teu número de estreia esta noite, Ruby?

— Não tentes mudar de assunto. Não deixarei que desistas da vida — disse Ruby gentilmente. — Lisa, tens tanta coisa pela frente. Hás de sobreviver a isto, prometo.

Lisa desviou o olhar. — Mas querê-lo-ei? — resmungou em surdina, dando um pontapé no meio-fio. À sua mãe, Catherine, fora diagnosticado um cancro uns meses antes. O diagnóstico chegara demasiado tarde, e agora pouco se podia fazer além de a deixar o mais confortável possível. *Seis meses, talvez um ano*, tinham os médicos cautelosamente aventado. *Podemos tentar tratamentos experimentais, mas...* A mensagem era clara; Catherine morreria de qualquer forma.

A mãe recusara, com inabalável determinação, ser alvo de tratamentos experimentais. Passar os últimos meses de vida num hospital não era o fim que nem ela nem Lisa desejavam. Lisa providenciara cuidados domiciliares, e agora o dinheiro, que sempre fora escasso, ainda mais escasso era.

Desde o acidente de viação, há cinco anos, que deixara a mãe incapacitada e matara o pai, Lisa tinha dois empregos. A sua vida mudara de um dia para o outro após a morte do pai. Aos dezoito anos, ela era a filha mimada de pais abastados, vivendo no meio mais fechado e elitista de Cincinnati, com um futuro brilhante assegurado diante dela. Vinte e quatro horas mais tarde, na noite da sua graduação do secundário, a sua vida transformara-se num pesadelo do qual não houvera despertar. Em vez de ir para a faculdade, Lisa fora trabalhar como empregada de mesa, e depois arranjava um emprego noturno. Lisa sabia que após o desaparecimento da mãe continuaria a trabalhar a dobrar, tentando pagar as astronómicas contas médicas que se tinham acumulado.

Estremeceu por dentro, recordando as recentes instruções da mãe para ser cremada por ser menos dispendioso que um enterro. Se se deixasse pensar muito nisso bem podia vomitar ali mesmo na paragem de autocarro. Compreendia que a mãe estava a tentar ser prática, procurando minimizar despesas para que Lisa tivesse uma pequena hipótese de vida quando ela se fosse, mas, francamente, a perspectiva de uma vida de solidão, sem a mãe, pouco a atraía.

Esta semana Catherine piorara irrevogavelmente, e Lisa fora esbofeteadada no rosto com o facto inescapável de que nada podia fazer para aplacar o sofrimento da mãe. Apenas a morte lhe poria fim. A gama de emoções por que ela passava ultimamente era desorientadora. Uns dias, sentia raiva para com o mundo em geral; outros, seria capaz de oferecer a alma a troca da saúde da mãe. Mas os piores de todos eram aqueles em que sentia uma ponta de ressentimento por sob a mágoa. Esses dias eram os piores, pois com o ressentimento vinha uma carrada de culpa que a fazia ter consciência da sua ingratidão. Muitas pessoas não tinham tido a oportunidade de amar as suas mães tanto tempo como ela. Algumas pessoas tinham bem menos que Lisa; *Meio-cheio, Lisa*, haveria Catherine de lembrar.

Quando entraram no expresso, Ruby puxou Lisa para o assento ao lado do seu e manteve-se a tagarelar animadamente no intuito de lhe levantar o ânimo. Não resultou. Lisa desligou, tentando não pensar de todo — e certamente não no “depois”. O agora já era suficientemente mau.

Como chegou a isto? Deus — o que aconteceu à minha vida?, interrogou-se, massajando as têmporas. Para além das molduras de aço e vidro do expresso para a baixa de Cincinnati, a gélida chuva de Março começou a cair de novo em uniformes lençóis pardacentos.

...

Lisa ofegava quando entrou no museu. No silêncio sepulcral, sentiu um casulo de paz envolvê-la. Vitrines de vidro agradeciam os pavimentos de mármore polidos até mais não e refletiam a luz coada dos nichos de parede. Deteve-se para limpar as botas molhadas cuidadosamente no tapete antes de dar entrada no seu santuário. Recusava-se a macular estes chãos sagrados com as suas botas encharcadas

A mente de Lisa estava sedenta de estímulo desde o último dia de aulas, há cinco anos, e imaginava que o museu falava com ela, sussurrando-lhe sedutoramente a respeito de coisas que ela jamais haveria de experimentar: opulência, climas exóticos, mistério, aventura. Ansiava por ir para o trabalho todas as noites, apesar do exaustivo dia passado a servir a mesas. Adorava os tetos abobadados com os seus brilhantes mosaicos ilustrando famosas sagas. Era capaz de descrever com vívido detalhe os mais diminutos matizes das mais recentes aquisições. Era capaz de recitar de cor os *placards* informativos: cada batalha, cada conquista, cada herói ou heroína maior que a vida.

Enxugadas as botas, Lisa pendurou o impermeável junto à porta e passou apressadamente pelas exposições introdutórias, apressando-se em direção à ala medieval. Passou os dedos pela placa à entrada, delineando os contornos das letras douradas:

SEJA A HISTÓRIA A SUA ENTRADA MÁGICA PARA O PASSADO
EMOCIONANTES NOVOS MUNDOS O ESPERAM

Um sorriso retorcido recurvou-lhe os lábios. Bom jeito lhe daria uma entrada mágica para um novo mundo: um mundo em que lhe fosse possível frequentar a universidade quando todos os seus amigos do secundário haviam debandado com malas novinhas em folha para amigos novinhos em folha, deixando-a para trás na poeira de esperanças e sonhos destruídos. Universidade? *Bang!* Festas, amigos? *Bang, bang!* Pais vivos a vê-la crescer, talvez a casar? *Bang!*

Olhou de relance para o relógio e enterrou a infelicidade numa azáfama de atividade. Trabalhando depressa, varreu e lavou até toda a ala brilhar de imaculada. Limpar o pó aos objetos expostos era um prazer a saborear, passando as mãos por tesouros de uma forma que nenhum guarda diurno teria permitido. Como era seu hábito, guardou o gabinete do Diretor Steinmann para o fim. Não só era ele por demais meticuloso, como era frequente ter interessantes novas aquisições no seu gabinete para serem catalogadas antes de postas em exposição. Seria capaz de passar horas a

vaguear pelo museu silencioso, estudando as armas, as couraças, as lendas e batalhas, mas Steinmann tinha uma política estrita de que ela deixasse o museu até às cinco da manhã.

Lisa revirou os olhos ao pôr de volta os livros nos seus lugares, na estante de mogno que forrava o gabinete. Steinmann era um homem empertigado e condescendente. No fim da sua entrevista, ela levantara-se e oferecera a mão, e Steinmann fitara-a com repulsa. Então, num tom afinado de desagrado, informara-a de que as únicas evidências que desejava da sua presença noturna eram umas instalações impecavelmente limpas. Prosseguira recordando-a do “recolher” das cinco horas tão vigorosamente que ela se sentira a Cinderela, certa de que Steinmann a transformaria nalguma coisa bem pior que uma abóbora se ela não saísse do museu a horas.

Apesar da rude despedida, ela ficara tão extasiada por conseguir o emprego que deixara a mãe convencê-la a sair com Ruby para um tardio jantar de aniversário. Recordando o fiasco, Lisa fechou os olhos e suspirou. Depois do jantar, Lisa estava no bar à espera de trocos para que pudessem ambas ir jogar bilhar. Um homem atraente e bem vestido aproximara-se dela. Namoriscara com ela e Lisa sentira-se especial por uns poucos momentos. Quando ele lhe perguntara o que fazia, replicara, orgulhosamente, que trabalhava num museu. Ele insistira, brincalhão: Diretora? Comercial? Guia?

*Empregada de limpeza noturna, dissera ela. E de dia sirvo à mesa no First Watch*⁷.

Ele desculpava-se logo a seguir e afastara-se. Um rubor de humilhação colorira-lhe as faces enquanto esperava ao balcão que Ruby a salvasse.

Recordando o menosprezo de que fora alvo, Lisa passou o pano do pó pelas prateleiras e espanejou, irritada, o grande globo ao canto do gabinete, incomodada que o incidente ainda a atormentasse. Não tinha nada de que se envergonhar; era uma pessoa responsável e dedicada, e não era estúpida. A sua vida fora truncada por responsabilidades que lhe haviam caído em cima, e, em última análise, até achava dar bom recado da situação.

A seu tempo a raiva foi submergida por uma onda da sempre presente exaustão que a energia nervosa mantinha de costume à distância. Deixando-se cair num cadeirão diante da secretária de Steinmann, acariciou o couro macio como manteiga, relaxando. Reparou num cofre de aspeto exótico ao canto da secretária. Não o vira antes. Tinha cerca de sessenta centímetros de comprimento por vinte e cinco de largura. Feito de ébano perfeitamente polido, os rebordos esculpidos com requintados nós celtas,

⁷ Cadeia norte-americana de restaurantes de pequenos-almoços e almoços, daí o nome, Primeiro Turno. (N. da T.)

era obviamente uma nova aquisição. Contrariamente à habitual cautela de Steinmann, não o trancara na vitrina onde guardava novos tesouros por catalogar.

Porque deixaria ele tão valiosa relíquia sobre a secretária?, interrogou-se Lisa fechando os olhos. Descansaria apenas um minuto ou dois. Ao fazê-lo, brindou-se com um momento de fantasia: era uma mulher financeiramente independente numa bela casa, e a sua mãe era saudável. Tinha uma encantadora mobília esculpida à mão e cadeirões confortáveis. Talvez um namorado...

Imaginando o lugar perfeito para o encantador cofre de ébano na sua casa de sonho, Lisa deixou-se dormir.

— Devia ter-me chamado no momento em que chegou — censurou o Professor Taylor.

Steinmann apressou o professor para lá da zona de exposições na direção do seu gabinete. — Chegou ontem, Taylor. Foi-nos remetido imediatamente da escavação. O homem que o desenterrou recusou-se a tocar-lhe, nem sequer o levantou do chão. — Steinmann fez uma pausa. — Há uma maldição gravada na tampa do cofre. Embora esteja em antigo Gaélico, ele entendia o bastante da língua para discernir o seu intento. Trouxe luvas?

Taylor assentiu. — E pinças para manusear o conteúdo. Não o abriu?

— Não consegui descobrir o mecanismo que solta a tampa — disse Steinmann secamente. — Inicialmente, não estava certo de que se abrisse. Parece ser feito de uma peça única de madeira.

— Usaremos as pinças para manusear tudo, até que o laboratório tenha oportunidade de examiná-lo. Onde disse ter sido encontrado?

— Enterrado na margem de um rio nas *Highlands* da Escócia. O agricultor que o desenterrou estava a dragar seixos para construir um muro.

— Como diabo logrou fazê-lo sair do país? — exclamou Taylor.

— O agricultor chamou o curador de um pequeno antiquário de Edimburgo que por acaso me devia um favor.

Taylor não insistiu para mais informação. A transferência de inestimáveis relíquias para coleções particulares enfurecia-o, mas de nada serviria hostilizar Steinmann antes de ter ensejo de estudar o cofre. Taylor era obcecado por tudo o que era celta, e quando Steinmann lhe ligara para discutir a invulgar peça medieval, Taylor mal lograra ocultar o seu interesse. Revelá-lo apenas daria a Steinmann poder para o manipular, e fosse que poder fosse nas mãos do diretor era coisa perigosa.

— Criada idiota — resmungou Steinmann em surdina quando

deram entrada na ala. — Veja-se só aquilo! Deixou de novo as luzes acesas. — Um ténue raio de luz vislumbra-se por sob a porta do gabinete do professor.

Lisa acordou abruptamente, sem saber ao certo onde estava ou o que fora que a despertara. Até que ouviu vozes de homens no corredor à porta do gabinete.

Impelida à ação, Lisa pôs-se em pé de um salto e lançou um olhar de pânico ao relógio. Eram 5:20 da manhã — ia perder o emprego! Instintivamente deixou-se cair no chão e no processo bateu com toda a força com a têmpora no canto da secretária. Encolhendo-se, rastejou lá para baixo quando ouviu uma chave na fechadura, seguida da voz de Steinmann: — É impossível conseguir empregados decentes. A inútil criada nem sequer trancou a porta. Tudo o que tinha a fazer era carregar no botão. Até uma criança o faria.

Lisa enroscou-se numa bola silenciosa quando os homens deram entrada no gabinete. Embora os passos fossem abafados pela espessa carpete berbere, ouviu-os acercarem-se da secretária.

— Aqui está ele. — Os sapatos imaculadamente engraxados de Steinmann detiveram-se a centímetros dos joelhos dela. Lisa susteve um cauteloso e ínfimo alento e arredou os joelhos para trás. Aos sapatos de Steinmann juntou-se um par de *mocassins* de borlas enlameados da chuva recente. Foi-lhe necessária toda a sua força de vontade para não estender o braço e limpar os ofensivos torrões de lama da carpete.

— Que espantoso detalhe. É lindo. — A segunda voz falou baixinho.

— Não é? — concordou Steinmann.

— Espere um minuto, Steinmann. Onde disse ter sido este cofre encontrado?

— Por baixo de uma camada rochosa junto da margem de um rio na Escócia.

— Isso não faz qualquer sentido. Como permaneceu ele intocado pelos elementos? O ébano é uma madeira dura, mas não é imune à decomposição. Este cofre está como novo. Já foi datado?

— Não, mas a minha fonte em Edimburgo afiançou-me a sua legitimidade. Consegue abri-lo, Taylor? — disse Steinmann.

Ouviu-se um restolhar. Um suavemente murmurado “Vamos lá ver... Como funcionas tu, encantador misteriozinho?”

Debaixo da secretária, Lisa mal se atreveu a respirar quando se seguiu um prolongado silêncio.

— Talvez aqui? — disse Taylor por fim. — Talvez este quadrado em

relevo... Ah, já sei! Já vi isto antes. É um trinco de pressão. — O cofre emitiu um ligeiro estalido. — Estava firmemente selado — observou ele. — Olhe para isto, Steinmann. Este mecanismo de trinco é brilhante, e vê a resina gomosa que sela os veios interiores da madeira onde as ranhuras engrenam? Não se interroga como é que os nossos antepassados conseguiam criar tão engenhosos dispositivos? Algumas coisas que tenho visto simplesmente desafiam...

— Remova o tecido e vejamos o que tem por baixo, Taylor — interrompeu-o Steinmann com impaciência.

— Mas o pano pode desintegrar-se quando manuseado — protestou Taylor.

— Não chegámos aqui para sair sem descobrir o que está dentro do cofre — ripostou Steinmann. — Remova o pano.

Lisa lutou contra o impulso de sair de debaixo da secretária, a curiosidade quase se sobrepondo ao seu bom senso e instinto de preservação.

Fez-se uma longa pausa. — Então? O que é? — perguntou Steinmann.

— Não faço ideia — disse Taylor lentamente. — Nunca traduzi narrativas disto nem dele vi esboços nas minhas investigações. Não parece propriamente medieval, pois não? Quase parece... bem... futurista — disse, constrangido. — Francamente, estou perplexo. O cofre está intacto, e contudo o tecido é antigo, e isto — apontou para o frasco — é estranhíssimo.

— Talvez você não seja tão entendido como me fez crer, Taylor.

— Ninguém sabe mais do que eu a respeito dos Gaélicos e dos Pictos — apressou-se a replicar. — Mas há artefactos que simplesmente não estão mencionados em registos nenhuns. Asseguro-lhe, encontrarei as respostas.

— E mandá-lo-á examinar? — perguntou Steinmann.

— Levo-o comigo agora...

— Não. Eu ligo-lhe logo que possamos libertá-lo.

Fez-se uma pausa, e depois: — Planeia convidar mais alguém a examiná-lo, não planeia? — disse Taylor. — Põe em causa a minha competência.

— Preciso simplesmente de catalogá-lo, fotografá-lo e incluí-lo nos nossos ficheiros.

— E incluí-lo nalguma coleção particular? — disse Taylor, crispado.

— Largue-o, Taylor. — Steinmann cerrou os dedos em torno do pulso de Taylor, baixando o frasco de volta para o pano. Fez deslizar a pinça da mão de Taylor, fechou o cofre e colocou a pinça ao seu lado. — Eu trouxe-o aqui. Dir-lhe-ei o que preciso de si e quando. E aconselho-o a que não se meta nos meus assuntos.

— Muito bem — ripostou Taylor. — Mas quando descobrir que mais ninguém sabe do que se trata, chamar-me-á. Não pode mover um artefacto que não possa ser identificado. Eu sou a única pessoa capaz de lhe discernir o rasto e bem o sabe.

Steinmann riu-se. — Eu acompanho-o à saída.

— Eu próprio dou com o caminho.

— Mas eu ficarei mais descansado sabendo que o acompanhei — disse Steinmann suavemente. — Não é boa política deixar um tão apaixonado adorador de antiguidades vaguear sozinho pelo museu.

Os sapatos retrocederam com passos abafados sobre a carpete. O clique de uma chave na fechadura incitou bruscamente Lisa à ação. *Raios e coriscos!* Normalmente, quando saía, premia o botão de trinco na porta — a nenhuma reles criada eram confiadas chaves. Steinmann ignorara o botão de trinco e usara mesmo a chave para trancar a fechadura de segurança. Endireitou-se impetuosamente e bateu com a cabeça contra o tampo da secretária. — Au! — exclamou baixinho. Ao agarrar-se ao rebordo e pôr-se em pé, deteve-se a olhar para o cofre.

Fascinada, tocou na madeira impecável. Belamente esculpida, a madeira negra brilhava na obscuridade. Letras bem vincadas estavam gravadas no cimo em traços oblíquos e inflamados. O que conteria o cofre para deixar perplexos dois sofisticados negociantes de antiguidades? Apesar de estar trancada no gabinete de Steinmann e não ter dúvidas de que ele não tardaria a regressar, sentiu-se consumida de curiosidade. *Futurista?* Cuidadosamente, passou os dedos pelo cofre, buscando o trinco quadrado de pressão que eles haviam mencionado, depois deteve-se. As estranhas letras na tampa quase pareciam... pulsar. Um arrepio de premonição percorreu-lhe a espinha.

Sua galinha tonta... abre-o! Mal não te faz. Eles tocaram-lhe.

Resolvida, detetou o quadrado e premiu-o com o polegar. A tampa levantou-se com o ligeiro estalido que ela há pouco ouvira. Lá dentro jazia um frasco, rodeado por um empoeirado trapo de tecido antigo. O frasco era feito de um metal prateado e parecia tremeluzir, como se o seu conteúdo fosse energizado. Lançou uma olhadela nervosa à porta. Sabia que teria de sair do gabinete antes que Steinmann regressasse, e no entanto sentia-se estranhamente transfigurada pelo frasco. Os olhos iam-lhe da porta para o frasco e vice-versa, mas o frasco chamava por ela. Dizia, *Toca-me*, no mesmo tom com que todos os artefactos do museu falavam com ela. *Toca-me enquanto não há guardas por perto, e eu contar-te-ei a minha história e as minhas lendas. Eu sou conhecimento...*

As pontas dos dedos de Lisa recurvaram-se em torno do frasco.

O mundo sofreu um abalo sob os seus pés. Cambaleou, e subitamente foi-lhe...

Impossível...

Parar...

De cair...

DUNNOTTAR, ESCÓCIA, 1314

As calças de ganga de Lisa foram salpicadas de água pela segunda vez nesse dia quando o homem irrompeu do banho. Ergueu-se altaneiro acima dela, os lábios arreganhados num rosnido.

Lisa pestanejou de incredulidade. Uma vez. Duas vezes. E uma terceira vez muito devagar, dando à aparição tempo de se evaporar. Não evaporou. O gigante nu ali permaneceu, a sua feroz expressão inabalável, os olhos semicerrados. *O que diabo acontecera ao gabinete de Steinmann? Ele não a despediria se a encontrasse com um homem nu — mandá-la-ia presa!*

Lisa fechou os olhos e firmou os pés, assegurando-se cautelosamente de que o mundo estava de novo sólido sob as suas botas. Só uma vez firmemente convicta de que se encontrava no gabinete de Steinmann, agarrada a um frasco medieval, é que os abriu.

Não estava *nada* no gabinete de Steinmann.

Soltou o ar numa grande exalação de aturdimento enquanto olhava — realmente olhava — o homem. Gotículas de água reluziam-lhe na pele. As chamas ardiam vivamente na lareira atrás dele, bronzeando-lhe e ensombrando-lhe o torneado dos músculos. Era o homem mais alto que ela jamais vira, mas o seu tamanho não se confinava a tão improvável altura. Os ombros eram descomunais, e o peito largo afilava-se num abdómen magro e musculado, quadris firmes e longas pernas poderosas.

E estava nu.

Expeliu um suspiro de protesto. Ele *não* podia ser real. E, dado que não podia ser real, mal não fazia deixar descair o olhar para um rápido avaliar da sua perfeição. Um homem impecavelmente proporcionado que não existia realmente estava postado nu diante dela. Para onde olharia *qualquer* mulher saudável de vinte e três anos? Olhou.

Ponto assente. Não podia ser real. Com as faces inflamadas, desviou o olhar e deu um passo vacilante atrás.

Ele rugiu qualquer coisa para ela numa língua que ela não entendeu.

Lançando-lhe um olhar furtivo ao rosto, ela encolheu os ombros de impotência, incapaz de dar sentido à situação.

Ele urrou de novo, gesticulando irado. Proferiu sem parar uma torrente de palavras por vários minutos, acenando os braços e olhando-a furibundo.

Ela observou-o, embasbacada, cada vez mais confusa. De nada ajudou que o homem parecesse alheio ao desconcertante facto de estar gloriosamente nu. Ela deu com a língua e, com alguma dificuldade, induziu-a à ação. — Lamento, mas não o compreendo. Não faço ideia do que está a dizer.

Ele retraiu-se como se ela o houvesse agredido; os seus olhos escuros semicerraram-se e fez uma carranca. Se ela o julgara irado antes, isso fora apenas porque ainda não o vira verdadeiramente furioso. — És inglesa! — cuspiu ele, apressando-se a mudar para Inglês, embora com um espesso sotaque rolado.

Lisa abriu as mãos como que dizendo *E então?* Onde queria ele chegar, e porque estava ele tão irado com ela?

— Não te movas! — rugiu ele.

Ela permaneceu imóvel, catalogando-o como se ele fosse uma das recentes aquisições do museu, assimilando a incrível altura e arcaboço do seu corpo. O homem transpirava tão intensa sexualidade que fantasias de um guerreiro selvagem, não reconhecendo qualquer lei além da sua, percorreram com um arrepio a sua memória ancestral. O perigo que dele emanava era amedrontador e sedutor. *Estás a sonhar, lembras-te? Adormeceste e apenas sonhaste que acordavas e vinha aí o Steinmann. Mas ainda estás a dormir e nada disto está realmente a acontecer.*

Ela mal deu por isso quando o homem estendeu o braço para a arma encostada à banheira. Registou mentalmente com vago divertimento o facto de que o produto da sua imaginação viesse abastecido de vingadora espada. Até que, com um jeito gracioso de pulso, ele lhe apontou a arma fatal.

O sonho era seu, recordou a si própria. Podia simplesmente ignorar a espada. Os sonhos eram zonas livres de penalidades. Já que não podia ter namorado na vida real, pelo menos podia saborear esta experiência virtual. Sorrindo, estendeu uma mão para tocar o seu abdómen perfeitamente esculpido — sem dúvida um abdómen de sonho — e a ponta da espada raspou-lhe o maxilar, forçando-a a olhá-los nos olhos. Uma rapariga podia ficar com torcicolo por olhar tão para cima, decidiu.

— Não penses distrair-me da minha causa — rosnou ele.

— Que causa? — perguntou ela, sentindo que lhe faltava o fôlego.

Nesse momento a porta abriu-se de rompante. Um segundo homem, de cabelo escuro e trajando uma estranha faixa de tecido em torno do corpo, irrompeu quarto adentro.

— Seja o que for, nã tenho tempo para isso agora, Galan! — disse o homem que lhe mantinha encostada a lâmina ao pescoço.

O outro homem pareceu atônito ao ver Lisa. — Ouvimos-te rugir lá em baixo na cozinha, Cin.

— Pecado?⁸ — ecoou Lisa incrédula. *Oh sim, ele é definitivamente pecaminoso. Qualquer homem com um aspeto destes só pode ser puro pecado.*

— Fora daqui! — trovejou Circenn.

Galan hesitou por um momento, depois retirou-se relutantemente do quarto e fechou a porta.

Quando o olhar de Lisa se voltou de novo para o Pecado, desceu mais uma vez para os seus improváveis dotes.

— Para de *olhar* para aí, mulher!

Os olhos dela desviaram-se rapidamente para os dele. — Ninguém se parece consigo. E ninguém fala como você, exceto talvez o Sean Connery em “Duelo Imortal”. Vê? Prova provada de que estou a sonhar. É um produto da minha sobrecarregada, privada de sono, traumatizada mente. — Assentiu firmemente.

— Asseguro-te, *não* sou certamente sonho algum.

— Oh, por favor. — Ela revirou os olhos. Fechou-os. Abriu-os. Ele ainda lá estava. — Estava no museu e agora estou num quarto de dormir com um homem nu chamado Pecado? Quão tola pensa que eu sou?

— Circenn. *Cir-cin* — repetiu ele. — Os mais chegados chamam-me Cin.

— Você não pode ser real.

Ele tinha uns sonolentos e velados olhos tão escuros que pareciam contornados de *kohl*. Tinha um nariz forte, arrogante. Os dentes — e sabe Deus que ela tinha uma boa visão deles com tanta carranca que ele fazia — eram direitos e suficientemente brancos para fazer o seu dentista chorar de inveja. A testa era alta, e uma juba de cabelo negro como a noite caía-lhe por sobre os ombros. Embora nenhuma das suas feições fosse propriamente de modelo atual, à parte os lábios sensuais, o efeito geral era o de um rosto selvaticamente belo. *Lorde-guerreiro* era a palavra que lhe acudia à língua.

A ponta da espada cutucou-lhe gentilmente a pele delicada sob o queixo. Quando sentiu uma nota molhada no pescoço, ficou pasmada com a

⁸ Trocadilho entre Cin, diminutivo de Circenn, e pecado, em Inglês “*sin*”. (N. da T.)

verosimilhança do seu sonho. Passou os dedos por lá, e contemplou atónita a gota de sangue.

— É possível sangrar-se em sonhos? Eu nunca sangrei a sonhar — murmurou.

Ele arrancou-lhe com um piparote o boné de basebol da cabeça tão depressa que a assustou. Ela nem sequer lhe vislumbrara o movimento da mão. O cabelo caiu-lhe solto por sobre os ombros, e mergulhou direita ao boné, só para estacar face à ponta da espada. O topo da sua cabeça mal lhe dava a ele pelo peito.

— Dê-me o meu boné — dardejou ela. — Foi o meu pai que mo deu.

Ele encarou-a em silêncio.

— É tudo o que tenho dele, e ele já morreu! — disse ela acaloradamente.

Seria aquilo um laivo de compaixão nos seus olhos escuros?

Ele estendeu o boné sem uma palavra.

— Obrigada — disse ela rigidamente, dobrando a pala e enfiando-o no bolso de trás das calças de ganga. O olhar desceu-lhe ao chão ao ponderar a espada que tinha à garganta. Se é que era um sonho, poderia fazer acontecer coisas à sua vontade. Ou desacontecer. Fechando os olhos com toda a força, concentrou-se para que a espada desaparecesse, depois engoliu em seco quando o metal frio lhe mordeu o pescoço. A seguir, tentou fazer desaparecer o homem; a banheira e a lareira foram misericordiosamente poupadas.

Abrindo os olhos, deu com o homem erguendo-se ainda altaneiro acima dela.

— Dá-me o frasco, moça.

As sobranceiras de Lisa ergueram-se. — O frasco? Isto faz parte do sonho? Você vê isto?

— É claro que vejo! Por mais ofuscante que seja a tua beleza, não sou imbecil nenhum!

A minha beleza é ofuscante? Estupefacta, estendeu-lhe o frasco.

— Quem és tu? — clamou ele.

Lisa refugiou-se na formalidade; servira-a bem no passado como bússola através de território desconhecido. Este sonho qualificava-se certamente como território desconhecido. Nunca antes sonhara ela tão lucidamente e tivera contudo tão pouco controlo sobre os elementos do seu sonho, nem o seu subconsciente conjurara alguma vez um homem assim. Desejava saber de que pré-histórico recanto da sua alma havia surgido o leviatã.

— Importava-se de se vestir? O seu... hã... estado de, hm... nudez não é conducente a uma discussão séria. Se puser algumas roupas e depuser a espada, estou certa de que conseguiremos resolver as coisas. — Esperava que ele achasse persuasiva a nota de otimismo na sua voz.

Ele fez uma carranca ao olhar para baixo para o próprio corpo. Lisa poderia ter jurado que a cor no seu rosto se intensificou quando ele constatou o estado de excitação em que se encontrava.

— O que esperas de mim trajando tu de tal modo? — clamou ele. — Sou um homem.

Como se eu tivesse dúvidas disso, pensou ela retorcidamente. *Um homem de sonho, nem menos.*

Deitando mão a uma manta negra e carmesim, ele atirou-a por sobre o ombro de modo que lhe cobrisse a parte da frente do corpo. Agarrando numa pequena bolsa, enfiou o frasco lá dentro, e finalmente baixou a espada.

Lisa descontraíu-se e recuou uns passos, mas ao fazê-lo caiu-lhe o boné do bolso de trás. Virou-se e curvou-se para apanhá-lo. Voltando-se de frente para ele, deu com ele de olhos fitos algures onde estivera, emoldurado nas calças justas, o seu traseiro um instante antes. Embaraçada ao constatar que a perfeita aparição lhe estava a espreitar o rabo, olhou de relance para o tecido em que ele se envolvera, e depois cautelosamente para o seu rosto. Os seus olhos escuros fervilhavam. Teve a súbita intuição de que, onde quer que estivesse, as mulheres não usavam habitualmente calças de ganga. Porventura nem sequer calças.

O maxilar dele crispou-se e a respiração acelerou-se-lhe notoriamente. Parecia todo ele um predador, na pose de elevado estado de alerta que precede a matança.

— Elas são tudo o que tenho! — disse na defensiva.

Ele levantou as mãos num gesto conciliatório. — Não é meu desejo discutir-lo, moça. Não agora. Porventura nunca.

Entreolharam-se num silêncio avaliador. Então, por motivo algum que pudesse definir, impelida por uma força além da sua capacidade de resistir, ela deu consigo a avançar direita a ele. Foi *ele* quem recuou desta vez. Com um breve ondular de deslumbrante músculo, saiu do quarto.

No instante em que a porta se fechou, as pernas de Lisa deram de si e caiu de joelhos, o coração martelando-lhe dolorosamente no peito. O familiar som do metal deslizando através da porta disse-lhe estar mais uma vez trancada. Santo Deus, tinha de acordar.

Mas algures no seu coração começara a suspeitar de que não estava a sonhar.

— Vamos lá remover o corpo, Circenn? — perguntou Galan quando Circenn entrou na cozinha.

Circenn inspirou de um trago. — O corpo? — Esfregou a mandíbula, ocultando um tremor de ira atrás da mão. Nada se estava a desenrolar como desejava. Deixara os seus aposentos, com o intuito de procurar sidra na cozinha, desanuviar a cabeça em privado e tomar algumas decisões — especificamente, o que fazer com a encantadora mulher que se sentia obrigado por honra a matar. Mas não lhe estava destinado tal repouso. Galan e Duncan Douglas, seus leais amigos e conselheiros, ocupavam uma pequena mesa na cozinha da fortaleza, observando-o atentamente.

Dado que tanto Ingleses como Escoceses persistiam em queimar Dunnottar de cada vez que ela trocava de mãos, a ruína à pressa remendada da fortaleza era fria, plena de correntes de ar e inacabada. Encontravam-se estacionados em Dunnottar apenas até que os homens de de Bruce os rendessem, o que esperava ter lugar a qualquer momento, de modo que não seriam feitas mais reparações. O Salão Nobre abria-se para o céu noturno no lugar onde deveria estar o teto, de modo que a cozinha tomara o lugar do salão de jantar. Nessa noite, desafortunadamente, servia de ponto de reunião também.

— A portadora do frasco — insistiu Galan prestimoso.

Circenn franziu o cenho. Ocultara o frasco no *sporrán*⁹, esperando ganhar tempo para se resignar a cumprir o juramento. Vários anos atrás, informara os irmãos Douglas da maldição de amarração que lançara ao cofre e do juramento feito a Adam Black. Sentira-se mais confortável sabendo que, quando ele aparecesse, se por qualquer razão não pudesse cumprir o juramento, este leal par trataria de concretizá-lo.

⁹ Bolsa de couro ou peles, normalmente com adornos de prata ou outro material, usada à cintura pelos antigos escoceses das Terras Altas. (N. da T.)

Mas o que deveria supostamente fazer-se quando os votos feitos se opunham diretamente entre si? A Adam, jurara matar o portador do frasco. Há muito tempo, sobre os joelhos da mãe, jurara jamais causar dano a uma mulher fosse por que razão fosse.

Galan limitou-se a encolher os ombros para o cenho franzido de Circenn e disse, — Eu contei a Duncan que ela tinha chegado. Vi-lhe o frasco na mão. Temos estado à espera do seu retorno. Vamos lá remover o corpo?

— Isso podia ser algo descabido. “O corpo” ainda respira — disse Circenn irritado.

— Porquê? — Duncan franziu a testa.

— Porque eu ainda não a matei.

Galan avaliou-o por um momento. — Ela é encantadora, não é?

A Circenn não passou despercebida a acusação. — Permite eu alguma vez que quaisquer encantos corrompessem a minha honra?

— Não, e estou certo de que não o farás agora. Tu jamais quebraste um juramento. — O desafio de Galan era manifesto.

Circenn deixou-se cair numa cadeira.

Com trinta anos, Galan era o segundo mais velho dos cinco irmãos Douglas. Alto e moreno, era um guerreiro disciplinado que, tal como Circenn, acreditava na estrita adesão às regras. A sua ideia de uma batalha à maneira incluía meses de cuidadosa preparação, intenso estudo do inimigo, e uma detalhada estratégia à qual não houvesse quaisquer desvios uma vez iniciado o ataque.

Duncan, o benjamim da família, era detentor de uma atitude mais desinteressada. Com seis pés de altura, de uma beleza rude, tinha sempre uma barba de um dia tão negra que lhe fazia parecer a mandíbula azul, e o *plaid*¹⁰ de costume amarrotado, amarrado à pressa, e parecendo a ponto de cair. Atraía as moças como moscas para mel e de todo o coração se fazia valer do engodo do belo sexo por ele. A ideia de Duncan de uma batalha à maneira era estar com mulheres até ao último minuto, saltar da cama para fora e sair a correr com um *plaid* e uma espada e mergulhar na escaramuça, rindo o tempo todo. Duncan era algo singular, mas todos os Douglas eram forças a considerar de uma forma ou de outra. O irmão mais velho, James, era o tenente-chefe de de Bruce e brilhante estratega.

Galan e Duncan eram há anos o leal conselho de Circenn. Haviām guerreado juntos, levado a cabo ataques e contra-ataques sob o estandarte

¹⁰ Espécie de manta ou capa de lã, normalmente em xadrez, usada pelos antigos escoceses das Terras Altas, enrolada em torno da cintura e com uma ponta caindo sobre o ombro esquerdo. (N. da T.)

de Robert de Bruce, e treinado vigorosamente para a batalha final que, rogavam, brevemente libertaria a Escócia dos Ingleses.

— Não estou certo de ver que dano esta mulher poderá trazer à nossa causa — furtou-se Circenn, avaliando cautelosamente a reação deles às suas palavras. Em silêncio, avaliava igualmente a sua própria reação. De costume as suas regras confortavam-no, davam-lhe um sentido de propósito e direção, mas cada fibra da sua consciência se rebelava face à ideia de matar a mulher lá em cima. Começou a medir as possíveis repercussões de lhe permitir que vivesse, para além da de destruir a sua honra.

Galan entrelaçou os dedos e estudou os respetivos calos enquanto falava. — Isso pouco me parece importar. Fizeste um voto a Adam Black de que eliminarias o portador do frasco. Conquanto me seja dado ver que uma mulher inspire compaixão, não tens qualquer conhecimento de quem ela realmente é. Trajava de modo estranho. Poderá ser de descendência druida?

— Penso que não. Não senti qualquer magia nela.

— É inglesa? Fiquei admirado ao ouvi-la falar nessa língua. Temos vindo a falar Inglês desde a chegada dos templários, mas porquê ela?

— Falar Inglês não é crime algum — disse Circenn secamente. Era verdade que desde a chegada dos templários confabulavam mais amiúde em Inglês do que em qualquer outra língua. A maioria dos homens de Circenn não falava Francês, e a maioria dos templários não falava Gaélico, mas praticamente todos eles haviam aprendido algum inglês, dadas as amplas fronteiras de Inglaterra. Circenn achava frustrante não poder usar o Gaélico — língua que no seu entender era de uma beleza sem par — mas aceitava que os tempos estavam a mudar e que, quando se juntavam homens oriundos de muitas diferentes nações, o Inglês era a língua mais comumente conhecida. Agastava-o falar o idioma do seu inimigo. — A maioria dos nossos templários não fala o Gaélico. Isso não faz deles espíões.

— Ela não fala Gaélico de todo? — insistiu Galan.

Circenn suspirou. — Nã — disse —, não entendeu a nossa língua, mas isso por si só não é o bastante para condená-la. Acaso haja sido criada em Inglaterra. Bem sabes que muitos dos nossos clãs andam por ambos os lados da fronteira. Ademais, não se parecia com qualquer inglês que me fosse jamais dado ouvir.

— Mais uma razão para suspeitar, mais uma razão para dispor prontamente dela — disse Galan.

— Tal como com qualquer outra potencial ameaça, deve-se primeiro estudar e avaliar a extensão da ameaça — pretextou Circenn.

— O teu voto, Circenn, a tudo o mais se sobrepõe. A tua mente deve focar-se em suster Dunnottar e abrir caminho a Bruce para um trono

assegurado e uma Escócia libertada, não numa qualquer mulher que já devia estar morta no momento em que falamos — recordou-lhe Galan.

— Alguma vez deixei de ser fiel aos meus deveres de alguma forma? — Circenn susteve o olhar de Galan.

— Não — admitiu Galan. — Ainda não — acrescentou.

— Não — disse Duncan com ligeireza.

— Então porque me questionam agora? Não tenho eu muito mais experiência com gente, guerras e opções do que qualquer um de vós?

Galan assentiu retoricamente. — Mas se quebrares o teu voto, como o explicarás tu a Adam?

Circenn inteiriçou-se. As palavras *quebrares o teu voto* pairaram-lhe desconfortavelmente no pensamento, urdindo uma promessa de fracasso, derrota, e potencial corrupção. Era crucial que ele aderisse às suas regras. — Deixa-me lidar com Adam, tal como sempre lidei — disse impassivelmente.

Galan abanou a cabeça. — Isto não aprazera aos homens, chegue-lhes alguma coisa aos ouvidos. Sabes que os Templários são ferozes e particularmente cautos quanto a mulheres...

— Porque não podem tê-las — interrompeu Duncan. — Buscam qualquer razão para desconfiar das mulheres no seu esforço de dominar os pensamentos lascivos. Um voto de celibato não é natural para homens; torna-os nuns frios, irascíveis biltres. Eu, por outro lado, estou sempre relaxado, de boa tâmara e amistososo. — Lampejou um aprazível sorriso para ambos, como que para provar a validade da sua teoria.

A despeito dos seus problemas, a boca de Circenn esboçou um trejeito. Duncan tinha tendência a comportar-se de forma afrontosa, e quanto mais irreverente era ele, mais irritado ficava Galan. Galan jamais parecia aperceber-se de que o seu irmão mais novo o fazia de propósito, e de que o tempo todo que Duncan agia como jovem irresponsável, a sua mente astuta não perdia coisa alguma do que se passava à sua volta.

— A falta de disciplina não faz um guerreiro, irmãozinho — disse Galan rigidamente. — Tu és um extremo e os Templários são o outro.

— O meu fraco por catraias não diminui um nico a minha destreza em batalha e tu bem o sabes — disse Duncan, endireitando-se na cadeira, os olhos chispando de antecipação face à disputa que se antevia.

— Basta — interrompeu Circenn. — Estávamos a discutir o meu voto e o facto de eu haver jurado matar uma mulher inocente.

— Tu não sabes se ela é inocente — protestou Galan.

— Não sei que *não* o seja — disse Circenn. — Até ter algum indício de culpa ou inocência, eu... — calou-se e soltou um pesado suspiro. Quase lhe pareceu impossível proferir as palavras seguintes.

— Tu o quê? — perguntou Duncan, observando-o fascinado. Como Circenn não respondesse, insistiu, — Recusarás matá-la? Quebrarás um juramento feito? — A incredulidade de Duncan estava-lhe gravada em todo o formoso rosto.

— Eu não disse isso — ripostou Circenn.

— Não o *desdisseste* — disse Galan cautelosamente. — Aprazer-me-ia que clarificasses os teus intentos. Planeias matá-la ou não?

Circenn esfregou novamente a mandíbula. Pigarreou, tentando articular as palavras que a consciência lhe clamava, mas o guerreiro nele resistindo.

Os olhos de Duncan semicerraram-se quando encarou Circenn pensativamente. Passado um momento, olhou de relance para o irmão. — Sabemos como é Adam, Galan. Sempre foi dado a lesta e desnecessária destruição, e bastas vidas sem mácula têm sido tomadas na demanda de assegurar o trono. Proponho que Circenn tome tempo para descobrir quem a mulher é e de onde vem antes de declarar a sentença. Não posso falar por ti, Galan, mas não desejo o sangue de outro inocente nas minhas mãos, e se o instigarmos a matá-la, o feito torna-se nosso também. Ademais, recorda-te de que embora Circenn haja jurado matar o portador do frasco, nada no seu voto se referia a prazos temporais. Ele bem pode esperar vinte anos para matá-la sem com isso quebrar o seu juramento.

Circenn levantou os olhos de relance face às últimas palavras de Duncan, surpreendido. Não considerara essa possibilidade. Na verdade, o seu voto não incluía uma palavra especificando com que celeridade deveria ele matar o portador do frasco — pelo que não era nem amoral nem uma violação do seu juramento abster-se por um curto espaço de tempo a fim de estudar a pessoa. Poder-se-ia mesmo argumentar que era coisa avisada, decidiu. *Perdes-te em miudezas*. As palavras de Adam, de há seis anos atrás, acudiram à mente de Circenn a fazer mofa dele.

— Mas é bom que estejas ciente — avisou Galan — de que, caso não a mates, e algum dos templários descubra quem ela é e a natureza do voto que juraste, os cavaleiros perderão a fé na tua capacidade de chefia. Verão um juramento quebrado como uma fraqueza imperdoável. A única razão porque acederam lutar pelo nosso país a ti se deve. Por vezes penso que te seguiriam direitos ao inferno. Sabes como são fanáticos nas suas crenças. Para eles, não há justificação para quebrar um juramento. Jamais.

— Não lhes diremos então quem ela é nem o que eu jurei, pois não? — disse Circenn suavemente, sabendo que os irmãos apoiariam a sua decisão concordassem ou não. Os Douglas seguiam sempre o *laird* e cavaleiro de Brodie — um antigo voto de sangue unira ambos os clãs há muito tempo atrás.

Os irmãos estudaram-no, depois assentiram. — Ficaré entre nós até que tomes a tua decisão.

Respirando profundamente o ar fresco e penetrante, Circenn andava de um lado para o outro do pátio enquanto a mulher aguardava nos seus aposentos por misericórdia que não lhe competia a si conceder. Esforçava-se por se endurecer face a ela. Vivera tanto tempo respeitando as regras que quase não ouvira a sua consciência clamar quando lhe erguera a espada ao pescoço. Enquanto o seu adestramento de guerreiro insistira que ele honrasse o juramento, algo que ele julgara morto dentro de si minara a sua resolução.

Compaixão. Comiseração. E uma insidiosa vozinha que suave mas inabalavelmente questionara a sagacidade das suas regras. Reconhecera essa voz; era dúvida — coisa de que não padecia há uma eternidade.

Juro matar o portador do frasco, comprometera-se ele anos atrás.

Os votos de um guerreiro eram o seu sangue vital, um inquebrantável código pelo qual vivia e morria. As regras de Circenn Brodie eram a única coisa que se interpunha entre ele e uma lesta descida para o caos e a corrupção. Qual a solução?

Ela tinha de morrer.

Ela.

Por Dagda, como era possível que fosse uma mulher? Circenn gostava de mulheres; adorara a sua mãe e tratava todas as mulheres com a mesma deferência e cortesia. Sentia que as mulheres exibiam algumas das melhores características da humanidade. Circenn era Brude, cuja linha de sucessão real era matrilinear. Anos atrás, quando Circenn fizera o seu juramento a Adam Black, nem por uma vez considerara que o frasco pudesse ser achado por uma mulher, e logo tão deleitosa. Quando lhe arrancara a estranha gorra da cabeça, o seu espesso cabelo tombara-lhe quase até à cintura numa cascata de cobre e reflexos de ouro. Os olhos verdes, de cantos rasgados, haviam-se-lhe arregalado de medo, e logo semicerrado de raiva ao declarar ser a gorra uma prenda do seu pa. Mais que se justificara que lhe restituísse o objeto de família, por muito feio que fosse.

Invulgarmente alta para uma mulher, e ágil, tinha uns seios fartos e firmes, e ele vislumbrara-lhe o premir dos mamilos contra o fino tecido da sua estranha indumentária. As suas pernas eram generosamente longas — longas bastante para se lhe enrolarem à cintura e permitir-lhe que cruzasse confortavelmente os tornozelos enquanto ele se enterrava dentro dela. Quando ela se curvara para apanhar a gorra ele quase lhe passara um braço pela cintura, a puxara contra si, e deixara que a sua natureza reivindicadora

tomasse livre rédea. *Para depois lhe degolares a garganta quando tivesses o teu desejo saciado?*

Ela. Teria Adam suspeitado que o portador do frasco seria uma mulher? Teria ele visto no futuro com a sua visão de fada e nesse preciso momento estar-se-ia a rir do seu dilema? Contudo, não houvesse ele usado uma maldição de amarração para começar, a vida da mulher não estaria agora em perigo. Fora a sua inepta maldição que aqui a trouxera, e agora deveria supostamente matar a incauta alma. A menos que descobrisse alguma prova de duplicidade da parte dela, a sua morte seria sangue inocente nas suas mãos assombrando-o para o resto da sua vida.

Circenn firmou a sua vontade, reconhecendo que a melhor solução era matá-la. Cumpriria o seu juramento; então, tudo passado, a vida retomaria a normalidade. Guardaria o frasco a salvo no local secreto com as outras relíquias e prosseguiria com a sua guerra. Retornaria ao seu estrito regime e encontraria consolo em saber que jamais se transformaria na abominação que tanto temia ter potencial para ser. O principal fito de Circenn Brodie era ver de Bruce bem firme no trono da Escócia.

Após a morte do rei inglês Pernas Longas, seu filho Edward II continuara o legado do pai, implacavelmente depauperando a herança escocesa. Não tardaria que nada restasse da sua cultura única. Seriam bretões: fracos e obedientes, tributados até à inanição e submissão. A sua maior esperança contra o implacável rei de Inglaterra eram os renegados templários que haviam buscado refúgio no Castelo Brodie.

Circenn deixou escapar um sopro de frustração. A perseguição dos Templários ofendia-o e enfurecia-o. Considerara em tempos juntar-se à renomada Ordem de monges-guerreiros, mas algumas das suas regras não haviam sido propriamente do seu gosto. Contentara-se em vez disso em trabalhar estreitamente com os cavaleiros religiosos, dado que tanto ele como a Ordem protegiam artefactos sagrados de imenso valor e poder. Circenn respeitava as muitas causas da Ordem, e conhecia a sua história tão bem como qualquer templário.

A Ordem havia sido fundada em 1118 quando um grupo de nove cavaleiros predominantemente franceses fora a Jerusalém e solicitara ao Rei Baudoin que lhes permitisse viver na antiga ruína do Templo de Salomão. Em troca, os nove cavaleiros haviam oferecido os seus serviços para proteger peregrinos em viagem para a Terra Santa de assaltantes e assassinos ao longo das estradas públicas que conduziavam a Jerusalém. Em 1128, o Papa dera a sua aprovação oficial à Ordem.

Os cavaleiros haviam sido principescamente pagos pelos seus serviços, e a Ordem aumentara dramaticamente em números, riqueza e poder ao longo dos séculos XII e XIII. Por altura do século XIV, a Ordem possuía mais

de nove mil solares e castelos por toda a Europa. Independente de controlo real e episcopal, os lucros da Ordem eram livres de tributos. As muitas propriedades da Ordem tinham as suas terras amanhadas, produzindo rendimentos que serviam de base para o maior sistema financeiro da Europa. Nos séculos XIII e XIV, a parisense Ordem dos Templários funcionava virtualmente como o Tesouro Real Francês, emprestando largas somas à realeza europeia e a nobres individuais. Contudo, à medida que a riqueza e poder dos Templários aumentavam, de igual forma aumentavam a desconfiança e inveja entre alguns membros da nobreza.

Circenn não ficara surpreendido quando o sucesso da Ordem se tornara a precisa razão da sua queda. Antecipara-a, mas fora incapaz de preveni-la; as políticas de papa e rei eram por demais poderosas para serem influenciadas por um homem.

Circenn bem se recordava de como, há quase uma dúzia de anos, a riqueza dos Templários atraía a atenção fatal do rei francês, Filipe o Belo, que estava desesperado por recheiar os seus cofres. Em 1305, Filipe difamara a Ordem, convencendo o Papa Clemente V de que os Templários não eram sagrados defensores da fé católica, buscando antes destruí-la.

Filipe fizera uma exaustiva campanha contra os cavaleiros, e acusara os Templários de odiosos atos de heresia e sacrilégio. Em 1307, o Papa dera ao Rei a ordem que ele esperava; o direito de deter todos os Templários em França, de confiscar as suas propriedades, e de levar a cabo uma inquisição. E assim começara o infame, sangrento e tendencioso julgamento dos Templários.

Circenn passou uma mão pelo cabelo e franziu o cenho. Os cavaleiros haviam sido detidos, encarcerados e forçados sob tortura a confessar pecados à escolha de Filipe. Mais ainda haviam sido queimados na fogueira. Em julgamento, não haviam sido permitidos aos cavaleiros advogados de defesa; nem sequer concedido lhes fora saber os nomes dos seus acusadores e das testemunhas de acusação. O pseudo “julgamento” havia sido uma caça às bruxas, tortuosamente orquestrada para destituir os Templários das suas fabulosas riquezas. Acrescentando insulto a injúria, o Papa emitira uma bula papal que suprimia a Ordem e negava o seu reconhecimento. Os poucos cavaleiros que lograram escapar à prisão ou à morte tornaram-se proscritos, sem nação ou lar.

Quando Circenn se apercebera da inevitável queda dos cavaleiros, apressara-se a encontrar-se com Robert de Bruce e, com a aprovação de Robert, enviara palavra à Ordem de que seriam bem-vindos na Escócia. Robert oferecera-lhes refúgio e, em troca, os poderosos monges-guerreiros haviam dirigido as suas práticas de combate para a batalha contra Inglaterra.

Os Templários eram formidáveis guerreiros, adestrados em armas e estratégia, e eram essenciais à causa escocesa. Ao longo dos últimos

anos, Circenn havia-os furtivamente infiltrado como comandantes nas tropas de de Bruce, implementando astuciosas estratégias, e vencendo batalhas menores.

Circenn sabia que, se agora titubeasse, se começasse a quebrar juramentos ou fizesse qualquer coisa que pusesse em risco a lealdade dos Templários, bem poderia lançar fora os últimos dez anos da sua vida, juntamente com o amor que nutria pela sua pátria.

Lisa não fazia ideia de quanto tempo teria passado desde que se sentara no chão. Mas fora suficientemente longo para constatar que o tempo não passava assim para quem sonhava. Se alguém se sentasse imóvel num sonho sem nada fazer, o sonho ou acabava ou avançava para alguma nova e incrível aventura colorida por matizes de absurdo. *Absurdo tal como as proporções do corpo daquele homem*, pensou irritada.

Erguendo-se do chão com a ajuda das mãos, deteve-se de cócoras, observando as vastas lajes sob as suas palmas. Frias. Duras. Secas, com um laivo de pó de pedra. *Inteiramente*, por demais, tangíveis. Pondo-se em pé, tratou de examinar o que a rodeava.

A câmara era grande, iluminada por velas bojudas e viscosas. As paredes, feitas de blocos de pedra maciça, estavam aqui e ali cobertas de tapeçarias. Uma enorme cama ocupava o centro da divisão, e havia vários baús dispersos com tecidos impecavelmente dobrados sobre eles empilhados. O quarto era espartano, arrumado. A lareira era a única concessão à atmosfera; não havia um só toque feminino ali dentro. Detendo-se junto da banheira, mergulhou a mão dentro de água; tépida — outra sensação por demais tangível para ser negada.

Dirigiu-se até à lareira e encolheu-se face à desconcertantemente real sensação de calor. Estudou as chamas por um momento, maravilhada que o resto do quarto estivesse tão gelido quando a lareira irradiava tal braseiro. Era como se a lareira fosse a única fonte de calor, pensou. Abalada por tal noção, percorreu vivamente o perímetro do quarto. A sua suspeita foi rapidamente confirmada: não havia uma só saída de aquecimento em toda a divisão. Nem radiadores aos cantos a apanhar pó. Nem pequenos ventiladores metálicos no chão. Nem canalizações ou, já agora, uma tomada elétrica que fosse. Nem tomada de telefone. Nem armários embutidos. A porta era feita do que parecia ser carvalho maciço; nada de chapas sobre contraplacado ali.

Tomou profundamente alento para se acalmar e assegurou-se de que alguma coisa lhe deveria ter passado despercebida, pelo menos em termos

de aquecimento. Contornando o quarto uma segunda vez, vistoriou cada canto e recanto passando a mão pela parede — outro modo de testar a solidez da sua prisão. As pontas dos dedos roçaram por uma espessa tapeçaria que cedeu ao seu peso e revelou ser de longe mais fria que as pedras. O tecido grosseiro tremulou-lhe sob a palma da mão como que batido pelo vento do outro lado. Desorientada, arredou-o.

Perdeu o fôlego face à súbita corrente de ar. A vista da janela abalou-a qual murro no estômago.

Olhou lá para fora para uma noite brumosa da história antiga.

Quinze metros acima do solo, encontrava-se num castelo de pedra edificado num promontório insular rodeado de mar revoltoso. As vagas arremessavam-se contra as fragas rochosas, desfazendo-se em espuma e dissipando-se na bruma que se elevava em redemoinhos da superfície negra do oceano. Num passadiço empedrado, homens carregando tochas moviam-se silenciosamente entre o castelo e pequenos anexos exteriores. O grito distante de um lobo competia com ténues notas de gaitas-de-foles. O céu noturno era de um azul de breu, tingido de púrpura no ponto em que se encontrava com a água, dançando com milhares de estrelas e a delgada foice da lua. Ela jamais vira tantas constelações em Cincinnati; a poluição e halo das luzes brilhantes da cidade ofuscavam tal beleza. A vista da janela era de uma pureza arrebatadora, majestosa. Um vento agreste assobiava lá de baixo do mar através do promontório, açoitando a tapeçaria na sua mão.

Deixou-a cair como se se tivesse queimado e ela tombou sobre a janela, abençoadamente deixando lá fora a vista inexplicável. Infelizmente, à medida que os seus olhos se focavam na tapeçaria, descobriu novo horror. Era brilhantemente tecida e por demais detalhada: um guerreiro cavalgava direito à batalha enquanto todo um exército de homens trajando *plaids* manchados de sangue aclamava. Na parte inferior da tapeçaria, bordados a carmesim, estavam quatro algarismos que a deixaram insana: 1314.

Lisa dirigiu-se para a cama e nela se deixou cair, inerte, destituída de energia pelos sucessivos abalos. Fitou atarantada o leito por um momento, e então estendeu de um impulso a mão e carregou com frenesim no colchão testando mais uma parte do ambiente. *Nada do teu vulgar de Lineu Molaflex*, Lisa. Tomada de uma sensação crescente de pânico, puxou para trás os cobertores bem entalados e deixou-se momentaneamente abstrair pela fragrância que emanava dos lençóis. O cheiro *dele*: especiarias, perigo, e homem.

Ignorando firmemente o desejo de enterrar o nariz no linho, puxou pelo colchão, que pouco mais era do que finas enxergas umas sobre as outras envoltas de tecido áspero. Uma restolhava como ramagens secas, a seguinte parecia recheada de lã granulosa, e a de cima dava a sensação de

penas macias. Ao longo dos vinte minutos seguintes Lisa escrutinou o que a rodeava, impelida por crescente desespero. As pedras eram frias, o fogo abrasava. O líquido na taça junto à cama sabia asquerosamente. Ouviu as gaitas de foles. Cada sentido seu era ativado pelos testes que fazia. Absorta, passou as costas da mão pelo pescoço, e quando a retirou uma única gota de sangue jazia carmesim na sua pele.

Compreendeu com súbita certeza que jamais deveria ter tocado no frasco. Embora isso desafiasse qualquer explicação racional, ela não estava nem em Cincinnati nem no século XXI. Sentiu a derradeira esperança de estar a sonhar fugir-lhe das mãos. Sonhos, conhecia-os ela bem. Mas isto era demasiado real para ser um sonho, com pormenores que transcendiam a sua capacidade de congeminação mental.

Dá-me o frasco, clamara ele.

Você vê isto? Isto faz parte do sonho? Ela ficara atônita.

Mas agora, refletindo no assunto, constatou que ele o vira porque *não* se tratava de parte de um sonho. Era parte da realidade, da sua realidade, realidade agora partilhada por ela. Que se tratasse do frasco que ela tocara mesmo antes de começar a sentir que caía, e do frasco que ele clamara, parecia ligação demasiado lógica para existir dentro de um sonho. Tê-la-ia o frasco de algum modo transportado de volta a um homem que detinha direta ou indiretamente direitos de propriedade sobre ele? E, se sim, estaria ela realmente no século XIV?

Com horror crescente, viu o padrão assustador: o bizarro modo de vestir do homem, o seu atento perscrutar da roupa dela como se jamais houvesse visto tal coisa, a primitiva tina de madeira situada diante da lareira, a estranha língua que ele falara, a tapeçaria na parede. Tudo aquilo indiciava o impossível.

Abalada, olhou de relance o quarto à sua volta, reavaliando-o de uma perspetiva diferente. Viu-o tal como o seu emprego no museu a levava a acreditar ser uma câmara de dormir medieval.

E todas as bizarras faziam perfeito sentido.

A lógica insistia em que ela estava num castelo de pedra medieval, e, de acordo com a tapeçaria de parede, algures no século XIV, apesar de tal improbabilidade.

Lisa exalou de um sopro numa tentativa frenética de se acalmar. Não podia estar algures noutro tempo, pois que, se isto era a Escócia medieval, Catherine estava a uns setecentos anos no futuro — sozinha. A sua mãe precisava desesperadamente dela e não tinha mais ninguém em quem se apoiar. Isso era inaceitável. O facto de estar presa num estranho sonho era agora relegado para o problema menor que isso teria constituído, a ser verdade. Um sonho teria sido coisa fácil com que lidar; a seu tempo teria

acabado por acordar, por mais horrendas que fossem as coisas no sonho. Se é que estava de facto *no* passado, coisa em que todos os seus sentidos insistiam, *tinha* de voltar para casa.

Mas como?

Seria tocando de novo o frasco? Enquanto ponderava essa possibilidade ouviu passos no corredor à porta da câmara. Encaminhou-se rapidamente para a porta, pôs a hipótese de se esconder atrás dela, e encostou-lhe o ouvido em vez disso. Seria avisado descobrir tudo o que pudesse sobre o que a rodeava.

— Julgas que ele o fará? — ecoou uma voz no corredor.

Fez-se um longo silêncio, depois um tão sonoro suspiro que atravessou a madeira espessa. — Creio que sim. Ele não encara os votos que faz de ânimo leve e sabe que a mulher tem de morrer. Nada se pode intrometer na nossa causa, Duncan. Dunnottar tem de ser sustida, esse patife do Edward tem de ser derrotado, e os votos feitos devem ser honrados. Ele matá-la-á.

À medida que os passos se desvaneciam corredor fora, Lisa encostou-se sem forças contra a porta. Não havia dúvida na sua mente a cuja mulher exatamente se referiam eles.

Dunnottar? Edward? Santo Deus! Ela não se limitara a viajar no tempo — fora feita aterrar direitinha na sequência de “Braveheart”!

A noite já ia adiantada quando Circenn entreabriu suavemente a porta da sua câmara de dormir. Espreitando através da estreita abertura, viu que o quarto estava às escuras. Apenas uma tênue faixa de luar incidia por detrás da tapeçaria. Ela devia estar a dormir, decidiu, o que lhe daria a vantagem da surpresa. Acabaria com isto, com presteza.

Abriu a porta com um jeito, entrou no quarto com lesta convicção, e prontamente perdeu o chão. Quando caiu estatelado dentro da câmara, praguejou; o pavimento encontrava-se astuciosamente pejado de afiados pedaços de louça partida. Mal teve tempo de registar que tropeçara numa corda bem esticada e engenhosamente atada, quando foi agredido na nuca com um bacio de louça. — Por Dagda, moça! — rugiu, rolando de lado agarrado à cabeça. — Estás a tentar matar-me?

— Claro que estou! — sibilou ela.

Circenn nada mais logrou discernir do que um movimento indistinto no escuro quando, para seu grande espanto e dor, ela lhe deu um pontapé numa parte por demais sensível do seu corpo — uma parte que a maioria das mulheres tocava com reverência. Quando se dobrou em dois, tornou a raspar as mãos pelos cacos afiados no chão e encolheu-se. Ela saltou-lhe por sobre o corpo qual corça assustada, direita à porta aberta.

Fazendo um esforço de morte contra a dor, ele agiu com presteza. Estendeu a mão e fechou-lha sobre o tornozelo. — Deixas esta alcova e é a tua morte — disse sem rodeios. — Os meus homens matar-te-ão no momento em que te virem.

— Então que diferença faz? Você também me mata! — exclamou ela. — Largue-me! — Sacudiu debalde a mão que lhe apertava o tornozelo.

Ele rosnou e fechou estrondosamente a porta com o pé. Depois, puxando-a pelo tornozelo, fê-la perder o equilíbrio e estatelar-se em cima dele. Intentara fazê-la rolar direita a ele quando ela caíra para impedir que embatesse nos cacos de louça que tão tortuosamente espalhara pelo quarto, mas

ela fez ricochete ao bater nele e passou-lhe por cima. Seguiu-se um combate corpo a corpo e ela lutou com uma admirável dose de força e coragem. Ciente da sua superior massa muscular, ele concentrou os seus esforços em dominá-la sem a magoar ou permitir que se magoasse a si própria. Se é que alguém iria causar-lhe dano, era ele.

Lutaram em silêncio, tirando os roncões dele quando ela desferiu um golpe particularmente doloroso e os arquejos dela quando ele finalmente lhe prendeu as mãos e lhas susteve acima da cabeça e a estendeu de costas no chão. A mão quase lhe escapou quando se fechou em torno de uma banda de metal no pulso dela. Quando lhe imobilizou os braços à força, esta deslizou e ele tomou-a firmemente, colocando-a no *sporrán* para posterior inspeção — acaso lhe desse pistas para a identidade da moça. Deixou descair deliberadamente todo o peso do seu corpo em cima dela, sabendo que ela não lograria respirar. *Submete-te*, intentou em silêncio enquanto ela se engalfinhava contra ele, procurando libertar-se. — Eu sou mais forte que tu, moça. Rende-te a mim. Não sejas tola.

— E deixo-o matar-me? Nunca! Eu ouvi os seus homens. — Arquejou, tentando aspirar ar para os pulmões, esmagada sob o peso dele.

Circenn franziu o cenho. Então por isso lhe lançara a armadilha. Deveria ter ouvido Galan e Duncan quando eles se recolheram aos seus quartos; eles teriam obviamente dito algo sobre ele a matar. Teria de falar com aqueles dois quanto a discríção, porventura encorajá-los a recorrer ao Gaélico dentro das paredes da fortaleza. Foi acometido de um momentâneo lapso de concentração enquanto admirava o desembaraço dela, e ela disse tirou partido dando-lhe com a frente no queixo, e aquilo doeu a *valer*. Abanou-a com força e ficou atônito quando a mulher não se rendeu, tentando dar-lhe nova cabeçada em vez disso.

Ela não dava mostras de desistir de lutar, e ele apercebeu-se de que ela lhe bateria até desfalecer por falta de ar. Dado ser a cabeça a única parte dos seus respetivos corpos que lhes restava livre, fez a única coisa que lhe ocorreu — beijou-a. Ser-lhe-ia impossível dar-lhe cabeçadas com os seus lábios esmagados nos dela, e ele aprendera há muito que a melhor forma de controlar um combate era conquistar o maior espaço possível ao inimigo. Eram necessários nervos de aço para lidar com quase sete pés de implacável Brodie a um sopro do coração.

Congratulando-se embora pela inventiva estratégia que empregara para a impedir de lhe bater com a única parte que lograva mover do corpo, admitiu a sua tentativa de se autoludibriar. Desejara beijá-la desde o momento que ela se materializara diante do seu banho — uma violação mais das suas cuidadosas regras. Sabia que intimidade física com esta mulher lhe poderia distorcer a imparcialidade. Mas a escaramuça pusera-o em

contacto com cada polegada do seu corpo, as suas curvas pressionavam-lhe toda a sua rija extensão como se estivessem juntos desnudos, e a feroz e inteligente emboscada dela excitara-o ainda mais que a sua beleza.

Tinha o cheiro dela nas narinas: medo e mulher e fúria. Deixava-o rijo como pedra.

Buscou subjugar-lhe com o seu beijo, fazê-la entender a sua completa dominação, mas os seus seios esmagados sob o seu peito punham-no em brasa, e deu consigo a mergulhar-lhe a língua entre os lábios com o intento de seduzir mais do que dominar. Pressentiu o momento em que os seus beijos deixaram de ser a sua maneira de controlá-la e se tornaram nada mais que um selvagem desejo de satisfazer o seu apetite pela mulher. Tudo o que precisava fazer era arredar o *plaid* para o lado, despir-lhe as estranhas calças e arremessar dentro dela. A tentação era sublime.

A respiração tornou-se-lhe mais lesta, soando-lhe áspera aos próprios ouvidos. Há demasiado tempo que não estava com uma mulher, e tinha o corpo em franja. Esquivou-se para o lado, recuando para pôr cobro à dolorosa pressão do seu membro túrgido contra o suave berço das coxas dela.

Quando ela se imobilizou debaixo dele, tomou alento. Relutante em soltar-lhe a fatura do lábio inferior, chupou-o com força ao retirar-se. Contemplou-a do alto; estava de olhos fechados, as pestanas quais leques escuros contra os málares.

— Vai-me matar agora? — sussurrou ela.

Circenn fitou-a, com diretivas opostas guerreando-se no seu interior. Na contenda, libertara a adaga, e agora encostava-lha à garganta. Um lesto mergulhar e acabar-se-ia. Breve, misericordioso, simples. O seu voto seria cumprido, e nada haveria a fazer senão dar sumiço à moça de garganta degolada e eternamente silenciado coração e retornar ao seu mundo cuidadosamente orquestrado. Os olhos dela arregalaram-se alarmados ao sentir o gélido roçar de metal contra a pele.

Ele cometeu o erro de fitá-los. Fechou os olhos e firmou a mandíbula. *Rasga*, ordenou a si próprio, mas os dedos nem sequer se lhe firmaram em redor do cabo do pequeno punhal. *Rasga!*, enfureceu-se consigo mesmo. Perversamente, o seu corpo enrijeceu contra o dela, e sentiu uma súbita onda de desejo de largar a faca e beijá-la de novo.

Mata-a já!, comandou a si próprio.

Nem um só dedo se contraiu. A faca manteve-se inocuamente encostada à pele da mulher.

— Eu não posso morrer já — sussurrou ela. — Ainda nem sequer *vivi*.

Os músculos do seu braço reconheceram a derrota antes de a sua mente o fazer. Ela não poderia ter dito quaisquer outras palavras que mais o consternassem. *Ainda nem sequer vivi*. Uma eloquente súplica para fruir

do que a vida tinha para oferecer, e, constatasse-o ela ou não, por demais reveladora. Muito lhe dizia a respeito dela.

Os seus braços relaxaram, e retirou-lhe o punhal da garganta com bem mais destreza com que lá o colocara. Resmungou uma imprecisão ao arremessá-lo através do quarto e vê-lo enterrar-se na porta com um som reconfortante.

— Nã, moça, não te matarei. — *Não esta noite*, acrescentou silenciosamente. Questioná-la-ia, estudá-la-ia, determinaria o seu envolvimento. Julgá-la-ia: culpada ou inocente. Se encontrasse indícios de subterfúgio ou fútil e mesquinha personalidade, a sua lâmina facilmente daria com o alvo, assegurou-se a si próprio. — Preciso de te fazer algumas perguntas. Se te deixar levantar, sentas-te sossegada no leito e respondes-me?

— Sim. Não consigo respirar — acrescentou ela. — Despache-se.

Circenn mudou de posição de modo que o seu peso não se apoiasse em cheio sobre ela. Permitiu-lhe que recuperasse a liberdade por etapas reguladas de modo que ela entendesse que ele lha estava a prodigalizar. Não era nem liberdade por ela conquistada nem liberdade que alguma vez pudesse esperar tomar. Concedia-lhe passagem, permitia-lhe um certo movimento. Era imperativo que ela entendesse que o seu controlo sobre ela era absoluto.

A despeito do seu desconfortável estado de inflamado desejo, forçou-a a manter estreito contacto à medida que ela fazia deslizar o corpo de debaixo do seu. Era uma pura exibição masculina de dominação. Mal lhe deu espaço bastante para se pôr de gatas. Inclinou-se minimamente para trás de modo a forçá-la a pôr-se cambaleante de pé agarrando-se aos seus ombros, o que lhe deixou os lábios a um mero sopro dos seus. Todo ele a dominaria, até que ela aquiescesse aos seus ditames.

Ela manteve o olhar desafiadoramente desviado, recusando olhá-lo enquanto usava o seu corpo para se levantar. *Houvesse tu cruzado o olhar com o meu, moça, eu ainda mais te teria forçado*, pensou, pois houvesse ela possuído ainda rebeldia bastante para lhe suster o olhar ele ter-lhe-ia provocado submissão de alguma outra maneira. Levantou-se ao mesmo tempo que ela de modo que os seus corpos se tocassem em muitos pontos de contacto, e não lhe passou despercebido o súbito tomar de alento dela quando deliberadamente se movimentou de modo que os seus seios lhe roçassem o abdómen. Fê-la recuar contra o leito e, com um ligeiro empurrão, ali a sentou.

Depois virou-lhe costas como se ela nada fosse, ameaça alguma, uma insignificância. Outra lição que ela deveria aprender — ele nada tinha a recear dela. Podia virar-lhe costas com impunidade. O seu movimento tinha o bónus secundário de lhe dar tempo de mitigar o seu desejo. Respirou

fundo por diversas vezes, trancou a porta por dentro, e arrancou a adaga da madeira e enfiou-a na bota. Acendeu círios antes de se voltar para encará-la de novo. Por essa altura já respirava regularmente e tinha o *plaid* cuidadosamente ajeitado à frente. Ela não tinha necessidade de saber o tributo que a forçada proximidade de ambos lhe fizera pagar.

Enterrara o rosto nas mãos e o cabelo acobreado deslizava-lhe em lustrosa cascata sobre os joelhos. Ele recordou a si próprio que não lhe olhasse para as longas pernas naquelas reveladoras calças. Escassamente disfarçadas sob o tecido azul-pálido, um homem podia seguir-lhes a linha esguia dos tornozelos até às panturrilhas musculadas e mais acima às torneadas coxas até ao vê da sua privacidade de mulher. Aquelas calças eram capazes de seduzir um Grão-Mestre Templário.

— Quem és tu? — começou baixinho. Continuaría em voz gentil até que ela demonstrasse resistência. Então acaso vociferasse com ela. Com o seu quê de divertimento, admitiu a probabilidade de esta moça vociferar de volta para ele.

— O meu nome é Lisa — murmurou ela dentro das palmas das mãos.

Um bom começo, lesta e obediente. — Lisa, eu sou Circenn Brodie. Tomara que nos houvéssemos encontrado em diferentes circunstâncias, mas assim não aconteceu, e teremos de fazer o melhor. Onde achaste o meu frasco?

— No museu onde trabalho — disse ela em voz monocórdica.

— O que é um museu?

— Um lugar que exhibe tesouros e artefactos.

— O meu frasco estava em exibição? Para que as pessoas o vissem? — perguntou, indignado. *Não teria a maldição resultado?*

— Não. Tinha acabado de ser encontrado e ainda estava no cofre. Ainda não tinha sido posto em exibição. — Ela não levantou a cabeça das mãos.

— Ah, então o cofre não havia sido aberto. Tu foste a primeira a tocar-lhe.

— Não, dois homens tocaram-lhe antes de mim.

— Viste-os tocar... verdadeiramente tocar o frasco?

Ela ficou-se em silêncio por um longo momento. — Oh meu Deus, a pinça! — exclamou. Ergueu repentinamente a cabeça e fitou-o com uma expressão de horror. — Não. Não os vi mesmo tocar-lhe. Mas estava uma pinça pousada junto ao cofre. Aposto que o Steinmann e o seu comparsa nem chegaram a tocar no frasco de todo! Foi isso que me fez isto... tocar no frasco? Eu *sabia* que não me devia ter metido onde não era chamada.

— Isto é muito importante, moça. Deves responder-me com a verdade. Sabes o que contém o frasco?

Ela lançou-lhe um olhar de completa inocência. Ou era uma consumada atriz ou falava verdade. — Não. O quê?

Atriz ou inocente? Ele esfregou a mandíbula enquanto a escrutinava. — De onde és tu, moça? Inglaterra?

— Não. Cincinnati.

— Onde fica isso?

— Nos Estados Unidos.

— Mas tu falas Inglês.

— O nosso povo fugiu de Inglaterra há várias centenas de anos. Outrora, os meus compatriotas eram ingleses. Agora chamamo-nos Americanos.

Circenn encarou-a atarantado. Uma expressão de súbita revelação atravessou o rosto dela, e ele perguntou-se porquê.

— Foi estupidez minha. Claro que não podia entender de todo. Os Estados Unidos ficam muito longe da Escócia, além-mar — disse ela. — Nós também não gostávamos dos Ingleses, por isso até posso sentir empatia — disse ela tranquilizadamente. — Provavelmente nunca ouviu falar da minha terra, mas sou de muito longe e é imperativo que eu regresse. Quanto antes.

Como ele abanasse a cabeça, ela firmou o maxilar, e Circenn sentiu um lampejo de admiração; a moça era lutadora até à última. Suspeitava de que, se houvesse tentado matá-la, não teria havido súplicas dos seus lábios mas votos de vingança até ao amargo fim. — Receio não te poder mandar de volta agora.

— Mas *pode* mandar-me de volta a determinada altura? Sabe como? — Ela susteve o fôlego, aguardando a resposta dele.

— Estou certo de que cá nos arranjaremos — disse ele, reservado. Se ela era de uma terra além-mar, ele decerto encontraria um navio onde pô-la, se fosse decidido que ela podia ser libertada. O facto de ela ser de tão longe tornar-lhe-ia mais fácil soltá-la, pois era duvidoso que a sua pátria tivesse algum interesse na Escócia; e uma vez desaparecida ela, acaso ele se pudesse forçar a esquecer que infringira uma regra. Longe da vista bem podia ser também longe do espírito. A sua aparição na fortaleza poderia verdadeiramente haver sido um erro descomunal. Mas fora o seu cofre parar a uma terra tão longínqua? — Como é que o teu museu obteve o meu cofre?

— Eles enviam pessoas por todo o mundo à procura de tesouros invulgares...

— Quem são “eles” — apressou-se ele a perguntar. Acaso ela fosse inocente, mas acaso os homens que ela mencionara não fossem.

— Os meus patrões. — O olhar dela tremulou para o seu, depois desviou-se.

Ele semicerrou os olhos e estudou-a pensativamente. Porque desviara ela o olhar? Parecia estar a fazer um esforço genuíno para comunicar com ele. Embora ele não visse sinal de declarado ardil, pressentia nela fortes emoções; havia coisas que ela não estava a dizer. Enquanto ponderava que rumo dar à sua inquisição, ela espantou-o dizendo, — Então como é que me manda através do tempo? É magia?

Circenn deixou escapar um ligeiro assobio. *Por Dagda, de quão longe viera esta moça?*

Lisa deixou-se ficar sentada na cama esperando ansiosamente a resposta dele. Achava difícil olhá-lo, em parte porque ele a amedrontava e em parte por ser tão malditamente belo. Como ia ela pensar nele como inimigo quando o seu corpo — sem sequer brevemente consultar a sua mente — já decidira gostar dele? Jamais sentira tão visceral e instantânea atração. Deitada sob o seu corpo esmagador, sentira-se avassalada por um frenético desejo sexual que apressadamente atribuíra ao medo de morrer: lera algures que isso por vezes acontecia.

Forçou-se a permanecer imóvel de modo a não deixar trair nem o pânico que sentia nem o seu inaceitável fascínio por ele. Nos últimos minutos fora transportada do medo à raiva que a sua vida pudesse acabar de forma tão inauspiciosa, ao aturdimento quando ele a beijara. Agora ficara-se por um cauteloso entorpecimento.

Constatou — o homem tinha uma linguagem corporal seriamente intimidatória — que ele detinha o controlo total, e, a menos que conseguisse apanhá-lo desprevenido, não tinha hipótese de escapar. Já deitara a perder a sua melhor oportunidade de o apanhar indefeso quando o emboscara à entrada. Ele tinha para aí dois metros de altura e era mais encorpado do que qualquer jogador profissional de futebol que ela jamais vira, e não teria ficado surpreendida se ele pesasse bem mais de cento e trinta quilos de sólido músculo. A este homem nada escapava; era um predador e guerreiro nato, escrutinando cada movimento e trejeito seu. Estava em crer que ele lhe podia farejar as emoções. Não atacavam os animais quando cheiravam medo?

— Vejo que devo fazer a abordagem por outro ângulo, moça. De *quando* és tu?

Ela forçou-se a olhá-lo. Sentara-se no chão e estava encostado à porta, as poderosas pernas nuas estendidas diante dele. O punho adornado de jóias da adaga sobressaía-lhe da bota. Escorria-lhe um fio de sangue da

têmpora e tinha o lábio inferior inchado. Quando ele o limpou distraído com as costas da mão, viu-se um ondular de tendões e músculos no antebraço. — Está a sangrar. — O comentário inane escapou-lhe da boca para fora. *E tem um tartan vestido*, maravilhou-se. Um verdadeiro *plaid*, tecido de negro e carmesim, envolvia-lhe o corpo, despreocupadamente revelando bem mais do que ocultava.

O canto do seu lábio recurvou-se. — Imagina só — troçou. — Fui emboscado por uma perfeita *banshee*¹¹ e agora estou a sangrar. Fui feito cair, agredido na cabeça, feito rolar sobre cacos de louça, levei uma cabeçada, um *pontapé* na...

— Lamento.

— Bem o deves.

— Você estava a tentar matar-me — disse Lisa na defensiva. — Como se atreve a enfurecer-se comigo quando eu é que me enfureci consigo primeiro? Foi *você* que começou.

Ele passou uma mão impaciente pelo cabelo. — Oh sim, e agora ponho-lhe cobro. Disse-te que decidi não te matar por enquanto, mas requeiro informação da tua parte. Tenho cinquenta homens para lá desta porta — acenou por sobre o ombro com o polegar — que necessitarão de razões para em ti confiar e deixar-te viver. Embora eu seja o *laird* aqui, não posso manter-te segura o tempo todo se não der aos meus homens razões plausíveis quanto a não seres uma ameaça.

— Porque quer seja quem for aqui matar-me para começar? — perguntou Lisa. — O que fiz eu?

— Eu é que faço as perguntas, moça. — Com deliberado vagar, cruzou os braços sobre o peito.

Lisa não teve dúvida de que ele fazia pose para se afirmar. Fez que todos os músculos dos seus braços se retensassem e recordou-a de quão pequena era comparada com ele, mesmo com o seu metro e setenta e sete. Acabara de aprender outra lição: ele podia ser cortês, demonstrar até um jocoso sentido de humor, mas era sempre mortal, sempre no comando. — Certo — disse. — Mas talvez ajudasse eu perceber porque é que me considera uma ameaça para começar.

— Por causa do que se encontra dentro do frasco.

— O que é que está lá dentro? — perguntou ela, logo se censurando pela sua incessante curiosidade. Fora a sua curiosidade sem peias que originara esta situação.

— Se não sabes, a tua inocência proteger-te-á. Não me perguntes mais.

Lisa deixou escapar um sopro de nervosismo.

¹¹ Fada ou espírito feminino de maldição e morte da mitologia celta. (N. da T.)

— De quando és tu? — perguntou ele suavemente, retrocedendo à pergunta inicial.

— Do século XXI.

Ele pestanejou e inclinou a cabeça. — Esperas que eu acredite que és de um tempo a sete centos de anos daqui?

— Espera que *eu* acredite que estou no século XIV? — disse ela, incapaz de ocultar uma nota de irritação na voz. *Porque esperava ele que tal loucura lhe fosse a ela mais fácil de aceitar?*

Um sorriso lesto lampejou-lhe no rosto, e ela respirou com outra facilidade, mas logo se desvaneceu e ele tornou-se mais uma vez o selvagem distante. — Esta conversa não te diz respeito a ti, moça, nem ao que pensas ou no que acreditas. Diz-me respeito a mim, e se poderei encontrar razão para em ti confiar e deixar-te viver. O seres do futuro e os teus sentimentos quanto a estares aqui nada significam para mim. É irrelevante de onde ou quando és. O facto é que aqui estás agora e tornaste-te o meu problema. E eu não gosto de problemas.

— Então mande-me para casa — disse ela em surdina. — Isso resolveria o seu problema. — Encolheu-se quando o intenso olhar se lhe fixou no rosto. Os seus olhos escuros cravaram-se nos dela e por um desmedido espaço de tempo ela não conseguiu desviar o olhar.

— Se és do futuro, quem é o rei da Escócia? — perguntou ele com voz de seda.

Ela susteve cautelosamente o fôlego. — Receio não saber, nunca prestei atenção a política — mentiu. Certamente que não ia dizer a um guerreiro que combatia à conta de reis e territórios que a setecentos anos dali a Escócia *ainda* não tinha um rei reconhecido. Podia não ter um curso universitário, mas não era uma idiota chapada.

Ele semicerrou os olhos e ela foi acometida da sinistra sensação de que ele avaliava de longe muito mais do que as suas expressões faciais. Por fim disse, — Aceito isso. Poucas mulheres prestam atenção a política. Mas acaso conheces a tua história? — encorajou suavemente.

— Você conhece a *sua* de há setecentos anos atrás? — esquivou-se Lisa, rapidamente intuindo onde ele queria chegar. Ele queria saber quem venceria que batalha e quem lutaria onde, e quando ela desse por si estaria enredada a dar cabo do futuro. Se é que estava realmente no passado, não iria contribuir para instigar o caos mundial.

— Grande parte — disse ele arrogantemente.

— Bem, eu não sei. Sou apenas uma mulher — disse com toda a inocência que pôde congrega.

Ele encarou-a apreciadoramente e o canto do lábio ergueu-se-lhe num meio-sorriso. — Ah, moça, não és decididamente “apenas” uma

mulher. Suspeito que seria um erro e tanto estimar-te *meramente* seja o que for. Tens clã?

— O quê?

— A que clã pertences tu? — Como ela não respondesse, ele disse, — Tens clãs em Cincinnati?

— Não — disse Lisa sucintamente. Ele certamente não teria de preocupar-se quanto a alguém tentar vir resgatá-la; mal tinha família já de todo. O seu era um clã de duas, uma das quais estava a morrer.

Ele esboçou um gesto de impaciência com as mãos. — O nome do teu clã, moça. É tudo o que quero saber. Lisa quê?

— Oh, quer saber o meu último nome! Stone. Lisa Stone.¹²

Os olhos dele arregalaram-se de incredulidade. — Como rocha? Ou pedregulho? — Desta vez não havia meio-sorriso algum: um sorriso rasgado recurvava-lhe os lábios, e o impacto era devastador.

Os dedos dela arderam-lhe por esbatê-lo com uma palmadinha. *Inimigo*, recordou a si própria. — Não! Como Sharon Stone. A célebre atriz — acrescentou face à sua expressão atarantada.

Os olhos dele semicerraram-se. — Descendes de uma linhagem de atrizes? — clamou.

O que diabo dissera ela de errado? — Não. — Suspirou. — Foi uma tentativa de gracejo, mas não teve graça pois você não sabe ao que eu me referia. Mas o meu último nome é Pedra, sim.

— Quão tolo pensas que eu sou? — ecoou ele as exatas palavras que ela lhe dirigira a respeito do seu nome apenas umas horas antes. — Lisa Rocha? Não servirá. Dificilmente te poderei apresentar aos meus homens, acaso o decida eu, como Lisa Pedra. Bem posso até dizer-lhes que és Lisa Lama ou Lisa Palha. Porque haveria a tua gente de tomar o nome de uma pedra?

— É um nome perfeitamente respeitável — disse ela empertigada. — Sempre o achei um nome forte, como eu: capaz de suportar calamidades, poderoso e capaz. As pedras têm uma certa majestade e mistério. Você deveria sabê-lo, sendo da Escócia. Não são as vossas pedras sagradas?

Ele matutou nas suas palavras por um momento e assentiu. — Lá isso são. Não o havia considerado como tal, mas, oh sim, as nossas pedras são belos e por demais preciosos monumentos ao nosso legado. Pois seja Lisa Pedra. O teu museu disse onde foi encontrado o meu cofre? — retomou ele friamente a inquisição.

Lisa refletiu, tentando recordar a discussão que ouvira escondida debaixo da secretária de Steinmann. — Enterrado numas rochas junto à margem de um rio na Escócia.

¹² Pedra, em Inglês. (N. da T.)

— Ah, começa a fazer sentido — murmurou ele. — Não me ocorreu quando o amaldiçoei que se o cofre ficasse séculos por descobrir a pessoa que nele tocara teria de viajar simultaneamente no terreno e no tempo. — Abanou a cabeça. — Tenho pouca paciência para esta coisa de maldições.

— Ao que parece tem também pouca aptidão para tal — As palavras rolaram-lhe da boca para fora antes que pudesse refreá-las.

— Resultou, não resultou? — disse ele, empertigado.

Cala-te, Lisa, advertiu-se a si própria, mas a sua língua não ligou a mínima. — Bem, sim, mas não se pode julgar uma coisa simplesmente pelo seu resultado. O fim não justifica necessariamente os meios.

Ele sorriu ao de leve. — Minha mãe era inclinada a dizer tal coisa.

Mãe.

Lisa fechou os olhos. Deus, quem lhe dera poder mantê-los fechados e quem sabe tudo desapareceria. Por mais fascinante que isto fosse, por mais deslumbrante que ele fosse, ela tinha de sair daqui para fora. No preciso momento em que eles falavam, algures no futuro a enfermeira da noite estava a ser rendida pela enfermeira de dia, e a mãe estaria a contar com ela em casa há horas. Quem verificaria os remédios para se certificar de que as enfermeiras não se tinham enganado nas dosagens? Quem lhe seguraria na mão enquanto dormia para que, se se fosse, não morresse sozinha? Quem lhe cozinhará os seus pratos preferidos para lhe tentar o apetite? — Amaldiçoe-me de volta — suplicou.

Ele encarou-a atentamente e ela mais uma vez foi acometida da sensação de estar a ser examinada a um nível mais profundo. O olhar dele exercia uma pressão quase tangível. Após um longo silêncio ele disse, — Não te posso mandar de volta, moça. Não sei como.

— O que quer *dizer* com não sabe como? — exclamou ela. — Não bastaria tocar no frasco?

Ele abanou a cabeça num brusco gesto de negação. — Isso não é poder do frasco. Viajar através do tempo — se é que deveras o fizeste — foi parte acidental da maldição. Não sei como te mandar de volta para casa. Quando disseste ser de além-mar, pensei que poderia pôr-te num navio e fazer-te à vela para casa, mas a tua casa está a sete centos de anos de acontecer.

— Então amaldiçoe outra coisa *qualquer* para me enviar de volta! — gritou.

— Moça, as coisas não são assim. As maldições são criaturinhas manhosas e nenhuma delas pode comandar o tempo.

— Então o que vai fazer comigo? — perguntou ela debilmente.

Ele pôs-se de pé, o rosto desprovido de expressão, e era de novo o lord-de-guerreiro, gélido e distante. — Dir-te-ei quando houver decidido, moça.

Ela deixou cair a cabeça nas mãos e não teve necessidade de olhar para

cima para saber que ele ia sair do quarto e trancá-la de novo. Ofendeu-a o facto de ele a controlar daquele modo, e sentiu uma necessidade avassaladora de ter a última palavra, por mais infantil que fosse o impulso. Decidiu que fazer pequenas exigências desde já acaso reforçasse a sua posição.

— Bem, vai matar-me à fome? — berrou para a porta fechada. Aprendera também anos atrás que o congregar de rebeldia podia impedir o derramamento de lágrimas. Por vezes a fúria era a única defesa que se tinha.

Não ficou certa de ter ouvido o troar de uma gargalhada ou de ser imaginação sua.

Lisa acordou com os músculos doridos e presos e uma câibra no pescoço por dormir sem almofada — sensações tão tangíveis que gritavam, *Bem-vinda à realidade*. Admirou-se de ter conseguido sequer adormecer, mas a exaustão acabara por suplantar a paranoia. Dormira vestida e sentia as calças de ganga rígidas e desconfortáveis. Tinha frio, a *T-shirt* enrolada à volta do pescoço, o *soutien* desapertara-se e doía-lhe o cóccix dos colchões granulosos.

Suspirou e rolou de costas, espreguiçando-se devagarinho. Dormira, tivera sonhos sinistros e ansiosos e acordara na mesma câmara de pedra. Estava visto: isto não era sonho nenhum. Tivesse ela algumas dúvidas ainda, desintegraram-se à luz pálida do alvorecer que se vislumbrava nas orlas das tapeçarias suavemente adejantes. Pesadelo algum poderia ter conjurado a nauseante comida que engolira à força tarde na noite passada, nem em sonho algum se teria ela subconscientemente rodeado de tão primitivas amenidades. Por mais fértil que fosse a sua imaginação, não era sádica.

Embora, refletiu, Circenn Brodie fosse indiscutivelmente um homem de sonho.

Ele beijara-a. Baixara a boca sobre a sua e o toque da sua língua trespassara-a de calor, apesar do medo. Tremera, virtualmente *abalada* da cabeça aos pés, quando os lábios dele haviam macerado os seus. Lera a respeito de coisas dessas acontecerem mas nunca pensara experimentá-lo. Antes de adormecer na noite passada, registara cada detalhe do beijo na memória, inestimável artefacto no museu estéril da sua vida.

Porque a beijara ele? Era tão focado e controlado, que ela imaginara que se ele alguma vez tocasse numa mulher seria com um acariciar disciplinado, não um beijo como o que ele lhe dera — um beijo desenfreado, ardente, e desinibido. Raiando a selvajaria, e contudo infinitamente sedutor. Fazia uma mulher desejar atirar a cabeça para trás e choramingar

de prazer enquanto ele a arrebatava. Ele era hábil, e ela sabia estar muito aquém de Circenn Brodie.

Devia ter sido uma estratégia, decidiu; o homem transpirava estratégias. Talvez ele pensasse vergá-la pela sedução. Dada a sua aparência a par da sombria sexualidade que emanava, provavelmente toda a vida controlara mulheres daquela maneira.

— Alguém... seja quem for... me ajude — sussurrou suavemente. — Isto é de *mais* para mim.

Afugentando a memória do beijo para bem longe do espírito, estendeu os braços acima da cabeça, averiguando se tinha hematomas da escaramuça da noite anterior. Quando ouviu um arranhar na porta e o som do ferrolho a deslizar, fechou os olhos com força, fingindo-se adormecida. Não estava preparada para o enfrentar esta manhã.

— Bem, alevantai-vos, mocinha! Nã haveis de escapar ficando na cama todo o dia — disse uma voz brincalhona.

Os olhos de Lisa abriram-se num ápice. Um rapaz estava postado junto dela, perscrutando-a do alto. — Ai, pois não sois a mais formosa das moças? — exclamou. O moço tinha cabelo ruivo, um largo sorriso travesso, e olhos e tez invulgarmente escuros. Queixo pontiagudo, malares altos. Mais parece um pequeno elfo, pensou.

— Vinde! Segui-me! — gritou. Como ele saísse disparado do quarto, Lisa atirou para trás as cobertas e saiu a correr atrás dele sem pensar duas vezes. *Caramba, o rapaz era rápido!* Teve de esticar as pernas, já de si compridas, para lhe acompanhar o passo saltitante por sobre as pedras direito a uma porta na extremidade do sombrio corredor. — Aqui, depressa! — gritou ele, entrando porta dentro.

Fosse alguém que não uma criança ela jamais o teria seguido às cegas, mas acordar e ser-lhe dada a oportunidade de escapar por parte de uma criança inocente levou a palma ao bom senso, e deu consigo a seguir-lhe a rasto até um pequeno torreão. Mal ela entrou, ele apressou-se a fechar a porta. Encontravam-se num espaço circular de pedra, com degraus em espiral tanto para cima como para baixo. Como ele lhe tomasse a mão e comesçasse a puxá-la escada abaixo, os olhos de Lisa semicerraram-se de desconfiança. Quem era este garoto e porque estava ele determinado a ajudá-la a fugir? Resistiu ao puxão tão subitamente que ele cambaleou para trás.

— Espera lá um minuto. — Agarrou-o pelos ombros. — Quem és tu?

O rapaz encolheu-os inocentemente, furtando-se às mãos dela. — Eu? Um simples mocinho com rédea livre na fortaleza. Nã vos amofineis, mocinha, ninguém dá por mim. Vim ajudar-vos a escapar.

— Porquê?

O rapaz encolheu de novo os ombros, num apressado erguer e baixar de ossos franzinos. — Isso importa-vos? Não desejáveis fugir?

— Mas para onde irei eu? — Lisa inspirou sucessivamente, tentando acordar. Precisava de pensar bem nisto. De que serviria escapar da fortaleza?

— Para longe daqui — disse ele, enfadado com a sua obtusidade.

— E para onde? — repetiu Lisa, à medida que a sua mente ensonada começava finalmente a funcionar com um arremedo de inteligência. — Para me tornar um dos seguidores do acampamento de Bruce? Para ir falar com o filho do Pernas Longas? — disse secamente.

— Sois uma espia? — exclamou ele indignado.

— Não! Mas onde terei eu de ir? Escapar da fortaleza é apenas o início dos meus problemas.

— Não tínheis casa, moça? — perguntou ele, perplexo.

— Não neste século — disse Lisa, deixando-se cair no chão com um suspiro. O seu corpo inundara-se de adrenalina face à perspectiva de escapar. Vencida pela lógica, fugia-lhe agora das veias tão depressa como chegara, e tão súbita falta fê-la sentir-se vacilante. A julgar pela frieza da parede que sentia nas costas e gélida corrente de ar que circundava a torre, estava frio lá fora. Se dali se fosse, como comeria ela? Onde iria ela? Como podia ela escapar quando não havia lugar para *onde* escapar? Avaliou o rapaz, que parecia cabisbaixo.

— Não entendi o que quereis dizer, mas pensei apenas ajudar-vos. Bem sei o que fazem estes homens às moças. Não é coisa aprazível.

— Obrigada pela tranquilização — disse Lisa secamente. Estudou o moço por um momento. O seu olhar era luminoso e direto, os olhos velhos para tão jovem rosto.

Ele deixou-se cair no chão ao lado dela. — Então, o que posso eu fazer por vós, mocinha — perguntou desanimadamente —, se não tendes casa e é não vos posso libertar?

Havia uma coisa em que ele podia ajudá-la, constatou ela, pois certamente não faria ao ilustre Circenn Brodie tal pergunta. — Preciso de... hm... bebi muita água — informou-o circunspecta.

Um sorriso lesto qual relâmpago lampejou-lhe no rosto. — Deixai-vos aqui estar. — Saiu disparado pela escada acima. Quando regressou trazia consigo um bacio de louça que parecia idêntico àquele com que batera na cabeça de Circenn na noite anterior.

Encarou-o, hesitante. — E depois?

— Ora, depois despejai-lo pela janela fora — disse ele, como se ela fosse tontinha.

Lisa encolheu-se. — Não há qualquer janela nesta torre.

— Eu despejá-lo-ei por vós — disse ele simplesmente, e ela percebeu que as coisas eram assim mesmo. Ele provavelmente despejara centenas deles na sua curta existência. — Ai, mas por agora dar-vos-ei alguma privacidade — acrescentou, e tornou a sair disparado escada acima.

Cumprindo a sua palavra, retornou uns momentos depois e pela terceira vez saiu disparado escada acima.

Lisa sentou-se nos degraus, esperando que o moço voltasse. As suas opções eram limitadas: poderia insensatamente escapar do castelo e provavelmente morrer lá fora, ou regressar ao quarto e aproximar-se tanto quanto possível do inimigo na esperança de encontrar aquele frasco — que ela *tinha* de acreditar ser um bilhete de ida e volta. Era isso ou aceitar que estava condenada para todo o sempre ao século XIV, e com a mãe a morrer lá em casa, mais depressa morreria ela própria do que aceitaria esse destino.

— Fala-me de Circenn Brodie — disse quando o rapaz voltou. Ele agachou-se no degrau ao seu lado.

— O que desejais saber?

Ele beija todas as mocinhas? — Ele é um homem de bem?

— Não há melhor que ele — assegurou-lhe o moço.

— Quero dizer honorável, não insinuante — clarificou Lisa.

Ele abriu-se num sorriso. — Eu sei o que querieis dizer. O *laird* é um homem de bem, não faz julgamentos apressados.

— Então porque estavas tu a tentar ajudar-me a escapar?

Outro encolher de ombros. — Ouvi os homens dele falarem em matar-vos a noite passada. Pensei que se ainda respirásseis hoje de manhã vos ajudaria a fugir pela liberdade. — O seu rosto magro aquietou-se e os olhos puseram-se distantes. — A minha mãezinha finou-se tinha eu cinco anos. Não gosto de ver uma mocinha sofrer. Vós poderíeis ser mãe de alguém. — Uns inocentes olhos castanhos buscaram os seus.

O coração de Lisa abriu-se para o rapaz sem mãe. Conhecia por demais bem a dor de perder uma mãe. Esperava que a “mãezinha” dele não tivesse sofrido muito tempo, antes houvesse tido uma morte breve e misericordiosa. Arredou-lhe gentilmente o cabelo emaranhado da testa. Ele entregou-se à sua carícia como se estivesse sedento de um toque assim. — Como te chamas, rapaz?

— Podeis chamar-me Eirren, mas na verdade eu responderia por qualquer nome vindo de vós — disse ele com um grande sorriso namoriscador.

Ela abanou a cabeça numa censura trocista. — Que idade tens tu?

Ele ergueu uma sobrancelha e abriu-se num sorriso. — Idade bastante para saber que sois uma formosa mocinha. Posso não ser um homem ainda, mas um dia serei, por isso mais vale que pratique o mais que puder.

— Incorrigível — murmurou ela.

— Nã, só treze — disse ele com desenvoltura. — Pelo que me é dado ver, um rapaz pode safar-se com muita coisa que um homem não pode, por isso é bom que faça tudo já. O que mais desejáveis saber, mocinha?

— Ele é casado? — *Que espécie de mulher poderia lidar com um homem como ele?* Ficou capaz de dar um pontapé a si própria no momento em que o disse, mas então decidiu que Eirren seguramente não entenderia o seu interesse.

— Desejais cobri-lo? — perguntou ele, curioso.

Cobri-lo? Lisa ficou-se perplexa por um momento. — Oh! — disse, ao constatar a que se referia ele. — Deixa-te disso! — exclamou. — Não podes pensar assim! És *demasiado* novinho. Cobrir, ora essa.

Ele abriu-se num sorriso. — Cresci a ouvi-lo aos homens, como poderia não o fazer? Nã tenho a minha mãezinha há muito tempo.

— Bem, precisas de uma — disse Lisa suavemente. — Ninguém devia passar sem mãe.

— Ele beijou-vos?

— Não! — mentiu prontamente. Baixou a cabeça, fazendo tombar uma madeixa de cabelo para diante de modo a esconder o rubor do por demais perspicaz rapaz.

— Tolo é ele, então — disse Eirren com o seu sorriso travesso. — Bem, mocinha, é bom que decidais o que desejais fazer. Se não ides, ficais, e se ficardes é melhor que retorneis ao vosso quarto antes que ele dê pela vossa falta. Ele nã gosta de ver regras contrariadas, e o facto de escapardes de lá para fora deixá-lo-ia decerto fora de si. — Pôs-se em pé e sacudiu o pó dos joelhos encardidos.

— Precisas de um banho — informou-o ela, decidindo que, se alguma palavra ela tinha a dizer enquanto ali estivesse, ele teria a modos que uma mãe.

— Oh sim, e há coisas de que nã sinto falta de *todo* por a minha mãezinha se ter ido — disse Eirren animadamente. — Vinde daí. Vejo que decidistes ficar no covil com o urso, o que nã é mau de todo; o seu rosnido é bem pior do que a dentada, assim que o logardes amansar.

Lisa sorriu enquanto o seguia para fora do poço das escadas. O jovem Eirren via por demais bem para seu conforto, mas poderia provar ser um útil aliado por essa mesma razão. Pulando por ali fora qual rato atarefado, o moço curioso conheceria provavelmente cada canto e recanto do castelo. Ela faria bem em cultivar a sua companhia, sub-repticiamente claro está. Como se lhe tivesse lido os pensamentos, Eirren disse, ao mesmo tempo que a empurrava gentilmente de volta para o quarto: — Nã faleis ao *laird* de mim, mocinha. Ele nã há de gostar que ê fale convosco. Tem de ser um segredo entre nós dois. Sei que nã gostaríeis de meter-me em sarilhos, pois não? — Susteve-lhe o olhar.

— É o nosso segredo — acedeu Lisa.

Circenn deu uma palmada na coxa de Duncan com a folha da espada. — Presta atenção, Douglas — rosnou. — A distração mata um homem em batalha.

Duncan abanou a cabeça e franziu o cenho ao contar cinco passos e encarar Circenn. — Peço desculpa, mas pareceu-me ver uma criança correr para dentro do barracão atrás da fortaleza.

— O mais provável era que fosse a criadita Floria, que mal me chega às costelas — disse Circenn. — Sabes que não são admitidas crianças em Dunnottar.

— Se assim era, era uma moça diminuta como o diabo. — Duncan nivelou a espada com um jeito suave do antebraço musculado. — E embora seja ideia tua e de Galan que m'aprazem elas todas, ã m'aprazem assim *tão* novas...

As espadas de ambos encontraram-se num entrechocar de metal que fez chispar uma explosão de centelhas na bruma do amanhecer em Dunnottar. Vagamente visível através das nuvens baixas de chuva, o sol pairava no horizonte bruxuleante do oceano, e a bruma trazida com a maré noturna começava a dissipar-se lentamente.

— Anda, Douglas, luta comigo — incitou Circenn. Duncan exercitara-se com Circenn desde a mocidade e era um dos poucos homens capazes de aguentar-se em batalha contra ele, por um curto período, pelo menos; a superior força e resistência de Circenn logo davam conta dele.

Aparar e atacar, fintar e rodopiar. Os dois executaram uma antiga dança guerreira em torno do pátio até Duncan subitamente penetrar a postura defensiva de Circenn, a ponta da sua espada pousando na garganta do *laird*.

O círculo de cavaleiros estremeceu em grupo quando Circenn estacou petrificado, o olhar fito não na espada de Duncan mas lá no alto da fachada leste da fortaleza.

— Ela é uma calamidade andante. A moça não tem qualquer tino de todo, juro eu — disse Circenn. Soltou um jorro de imprecações que fizeram que até Duncan erguesse um sobrolho.

Todos os olhares se voltaram para leste onde uma esguia mulher se agarrava à parede de pedra, cinquenta pés acima do chão. Uma corda de lençóis atados entre si adejava na brisa, suspensa uma dúzia de pés abaixo dela. Era evidente o que ela fazia, descendo os doze pés até à janela abaixo da sua, preparando-se para nela entrar.

— Porque não usa ela simplesmente a porta, milorde? — perguntou um dos templários.

— Eu tranquei-a — resmungou Circenn em surdina.

Duncan baixou a espada e praguejou. — Bem devia saber que não te bati justamente.

— Quem é ela? — perguntou outro cavaleiro. — E que espécie de vestimenta usa ela? É como se não tivesse uma só costura. Vê-se cada curva do seu... hã...

— Sim, quem é ela, milorde? — ecoaram meia-dúzia de cavaleiros.

Os olhos de Circenn não se desviaram da figura esbelta que descia pela parede com não pequeno grau de finura. Trajando aquelas estranhas calças, via-se deveras cada polegada do seu torneado traseiro à medida que as suas longas pernas se esticavam à procura de pontos de apoio. Ele quedara-se de fôlego suspenso desde o momento que o adejar de lençóis lhe chamara a atenção. Exalou-o agora com um sonoro suspiro. — Não estava previsto eu revelá-la — mentiu com presteza, sustendo o olhar de Duncan com uma advertência silenciosa. Ficou momentaneamente horrorizado com a facilidade com que a mentira lhe irrompeu dos lábios. *Vês, censurou-se a si próprio, infringe uma regra e lá vão todas para o inferno.* — Ela é prima de de Bruce e foi-me confiada a sua guarda. Protegê-la-eis como se lutásseis pelo próprio Robert. Aparentemente ela pouco quer saber da sua segurança. Suponho que acaso tenhamos de lhe dar rédea livre na fortaleza. — Com essas palavras, enfiou a espada na bainha e desandou direito à ruína.

À porta, Circenn olhou de relance por sobre o ombro para Duncan, com novo olhar de advertência que ameaçava graves repercussões se Duncan não sustentasse a sua história de proteção à moça. A expressão no rosto de Duncan fê-lo sentir-se com duas polegadas de altura. O seu amigo e leal conselheiro contemplava-o atônito, como se um estranho se houvesse apossado do corpo do *laird* de Brodie. Duncan abanava a cabeça e a sua expressão dizia claramente, *Que diabo fazes tu? Perdeste o tino?*

Entrando na torre e subindo os degraus a dois e dois, Circenn decidiu que muito possivelmente perdera.

...

Lisa deu balanço com os pés e oscilou suavemente janela dentro, exalando um suspiro de alívio. Com o encorajamento do pai, tivera aulas extracurriculares de acrobacia e *rappel* durante o unificado e o secundário. Embora esta descida não tivesse parecido lá muito difícil, fora certamente enervante encontrar-se suspensa acima do pátio, rezando para que os nós não se desatassem. Tivera esperança de que a bruma levasse mais tempo a dissipar-se, e quando o sol começara a fazer evaporar as espessas nuvens apressara-se, ciente de que os espadachins lá em baixo teriam uma visão clara a qualquer momento — se olhassem para cima.

Mas Lisa contava com o facto de as pessoas raramente olharem para cima; a vasta maioria mantinha o olhar firmemente fixo no chão ou em algum ponto inexistente do mar de pessoas que inundava os passeios citadinos. Apenas Lisa e alguns sem-abrigo varriam o céu com os olhos, vendo o romper e correr das nuvens. *Sonhadora*, brincara o pai. *Só os sonhadores olham o céu. És uma romântica, Lisa. Estás à espera de que um cavalo alado irrompa através das nuvens carregando o teu príncipe no dorso?*

Depois de Eirren ter saído, esperara no quarto que Circenn Brodie viesse, e como ele não aparecesse ficara cada vez mais desassossegada. Precisava de encontrar o frasco, e com a porta trancada por fora não tinha muitas opções. Espreitara pela janela e descobrira outra, uns quatro metros abaixo. Rapidamente decidira dar uma vista de olhos enquanto era possível.

E se ele a apanhasse? Não se ralava. O senhor do castelo precisava de saber que ela não era mulher para ficar sentada à espera das suas decisões, submetendo-se ao seu controlo. Considerara exaustivamente a sua situação, e sim, parecia que estava mesmo no século XIV. E sim, tinha a mãe a morrer no século XXI. Não podia escapar do castelo, mas tinha de se afirmar como mulher inocente a quem era devido o mínimo respeito, e a quem Circenn deveria ajudar a regressar ao seu tempo. Nada fazer não era simplesmente opção. A única forma com que sempre conseguira fazer face às dificuldades da sua vida fora enfrentá-las de cabeça, olhos abertos e mente empenhada em alcançar uma solução.

Arredou para o lado a tapeçaria e pulou do parapeito para baixo. As suas botas aterraram no chão com um suave baque no preciso momento em que ele irrompeu porta dentro.

— Mas que coisa mais imbecil, desatinada e estúpida de se fazer!

— Não foi *nada* estúpida — ripostou ela, que acalentava um ódio especial por aquela palavra. — Foi um risco perfeitamente calculado e pensado. Não comece sequer. Se não me tivesse trancado, não teria sido forçada a fazê-lo.

Ele atravessou o quarto velozmente e agarrou-a. — Apercebes-te de que podias ter caído? — rugiu.

Ela empertigou-se toda, as costas direitas que nem uma vara. — Claro que sim. Por isso atei os lençóis. Pelo amor de Deus, foram apenas uns quatro metros.

— E o vento podia ter-te feito voar a qualquer momento. Conquanto pudesse ser só uma dúzia de pés de janela a janela, é uma queda de cinquenta pés até ao chão. Nem os meus homens fariam coisa tão estúpida.

— Não foi nada estúpido — repetiu calmamente. — Foi um inteligente exercitar das minhas habilidades. Já o tinha feito lá de onde venho, e, além disso, não tinha maneira de saber se você planeava dar-me de comer hoje ou falar comigo ou dar ouvidos ao facto de que preciso desesperadamente de voltar para casa. E já que estamos a falar de imbecilidades... será que duas pessoas mergulharem direitas uma à outra com espadas aguçadas é coisa menos estúpida? Eu vi o que estavam a fazer lá em baixo.

— Nós exercitamo-nos — disse ele, baixando a voz com notório esforço. — Preparamo-nos para a guerra. — Se o homem cerrasse os dentes com mais força o maxilar ficaria preso, decidiu ela.

— E a guerra é empresa particularmente inteligente, não? Eu apenas luto pelos meus direitos e tento regressar a casa. Tenho uma vida, sabia? Tenho responsabilidades em casa.

Ele abriu a boca, e logo a fechou de uma assentada encarando-a por um momento. — Que responsabilidades são essas exatamente? — perguntou por fim, com extrema suavidade.

Extrema suavidade da parte deste homem deixava-a nervosa, tal como as mãos dele na sua cintura, tal como o chegar do corpo dele tão perto do seu que o seu alento lhe soprou na cara quando ela levantou os olhos para ele. Sentiu-se subitamente intimidada. *Maldito* fosse o homem por ter tal impacto. Ela não ia desatar a chorar diante desta muralha de guerreiro.

Inspirou fundo e fez por serenar. — Sei que esta não é a melhor situação para si mas não o é para mim tão-pouco. Como se sentiria se fosse subitamente arrebatado do seu tempo, lançado para outro lado qualquer e feito cativo? Não faria tudo o que estivesse em seu poder para recuperar a sua vida de volta? Para regressar à sua pátria e vencer a sua batalha pela liberdade?

O maxilar dele descontraiu-se enquanto ponderava as palavras dela. — Comportas-te como um guerreiro — disse contra vontade. — Oh sim, faria tudo em meu poder para retornar.

— Então não me pode censurar por tentar. Ou por estar aqui, ou por lhe complicar a vida. Eu é que tive a minha vida virada do avesso. Pelo menos você ainda percebe onde está. Ainda tem os seus amigos e família. Ainda tem segurança. Tudo o que eu sei é que tenho de voltar para casa.

Ele manteve-se calado pelo que pareceu um tempo interminável,

olhando-a nos olhos. Ela pôde sentir a tensão emanar-lhe do corpo enquanto ele a estudava, e constatou que este guerreiro do século XIV se debatia tanto como ela para discernir o que fazer a seguir.

— Assustaste-me, moça. Julguei que fosses cair. Não tornes a marinhar pelas minhas paredes, hein? Arranjarei maneira de te dar alguma liberdade dentro da fortaleza. Confio que dela não estavas a tentar escapar; és evidentemente inteligente bastante para veres que não tens sítio para onde ir. Mas não marinhares pelas minhas paredes — repetiu. Depois esfregou a mandíbula, parecendo subitamente cansado. — Não tenho meio de mandar-te de volta para casa, moça, disse-te a verdade quanto a isso na noite passada. Há algo mais que deverias saber também. A conversa que ouviste antes de me atacares na noite passada estava correta: fiz deveras o juramento de matar quem quer que chegasse com o meu frasco.

Lisa engoliu, a boca subitamente seca. Ele *viera* para a matar na noite passada. Teria ele entrado furtivamente e cortado-lhe a garganta se ela não estivesse acordada e não o emboscasse primeiro?

Ele olhou-a diretamente nos olhos. — Mas tomei a decisão de me abster temporariamente de cumprir o meu juramento. Não é coisa fácil de um guerreiro fazer. Os nossos votos são sagrados para nós.

— Oh, quão benevolente da sua parte — disse ela secamente. — Então não planeia matar-me hoje, mas pode ser que decida fazê-lo amanhã. Devo supostamente achar isso tranquilizador?

— Há razões válidas para eu haver feito o meu juramento. E sim, deverias estar grata por eu te deixar viver por agora.

Teria de se haver com aquilo. Não tinha muito com que negociar. — Que possível ameaça poderia eu constituir para si? Porque haveria você de jurar matar uma pessoa que nem sequer conhecia? — Mas no preciso momento em que fazia a pergunta, soube a resposta para a sua questão — fosse o que fosse que estivesse no frasco era imensamente valioso. Talvez fosse um instrumento para viajar no tempo; isso explicaria certamente que as pessoas lhe lançassem maldições e estivessem dispostas a matar por ele. Não lho arrancara ele das mãos no momento em que ela chegara?

— As minhas razões não te dizem respeito.

— Julgo que me dizem respeito, quando as suas razões determinam se *eu* vivo ou se morro. — Ela sabia que os juramentos eram sagrados para os cavaleiros de antanho. Ele nada tinha a perder por matá-la. Era uma mulher perdida no tempo; ninguém daria pela sua falta. Mantê-la viva sujeitava-o a uma responsabilidade, e o que o impediria de mudar repentinamente de ideias e honrar o seu juramento? Ela não suportaria viver o dia-a-dia, perguntando-se sempre se esse seria o dia em que ele a mataria.

Tinha de discernir como pensava este guerreiro de modo a poder planejar uma defesa. — Porque decidi quebrar o seu juramento?

— Temporariamente — apressou-se ele a corrigir. — Eu não quebrei o juramento, apenas não o cumpri. Ainda.

— Temporariamente — concedeu ela. Um implacável assassino não se teria dignado ter esta conversa com ela, o que significava que ele tinha reservas quanto a matá-la. Uma vez que soubesse quais eram elas, explorá-las-ia em sua vantagem. — Porquê, então? É por eu ser mulher? — Se fosse esse o caso, resolveu, doravante seria o mais feminina possível. Resumaria vulnerabilidade, adejaria as pestanas, e esvair-se-ia de impotência enquanto fazia tudo em seu poder para reaver à socapa o frasco e ficar na mó de cima.

— Isso foi o que eu pensei primeiro, mas não, é porque não sei se és culpada ou algo assim. Não tenho problemas em matar uma traidora, mas nunca na vida tomei qualquer vida inocente e não desejo começar agora. Mas, Lisa, descubra eu que és culpada ou *algo assim*, por mais pequena que seja a transgressão... — Calou-se, mas fez-se entender na perfeição.

Lisa fechou os olhos. Então ele tencionava observá-la, estudá-la, antes de decidir se a matava ou não. Mas ela não tinha tempo de ser estudada e observada. A sua mãe precisava dela agora. O tempo urgia, e se não encontrasse maneira de regressar e depressa, poderia perder Catherine sem se despedir, e muito tinha de dizer à mãe ainda. Tinha andado tão obcecada em ganhar dinheiro suficiente para pagar as contas, e em conservar um alegre sorriso no rosto para manter a mãe animada, que de alguma forma tinham deixado de falar. Tanto mãe como filha se haviam refugiado em cautelosas amenidades porque a realidade era demasiado dolorosa. Mas Lisa sempre pensara que haveria tempo, umas quantas horas especiais, talvez uma semana, em que deixaria de ir ao trabalho, incorreria em mais dívidas, e faria o que mais queria — ficar em casa com Catherine, segurando-lhe a mão e falando até ao momento final.

Abanou a cabeça, confusa e não pouco zangada com o que a vida lhe destinara. Como se *atrevia* a sua vida a piorar cada vez mais? Empertigou a espinha e abriu os olhos de rompante. — Eu *tenho* de voltar para casa — insistiu.

— É impossível, moça. Não está em meu poder fazer-te retornar.

— Conhece alguém que possa fazê-lo? — persistiu. — Tem de admitir, seria a melhor solução. Todos os nossos problemas ficariam resolvidos se simplesmente me mandasse de volta.

— Não. Não conheço ninguém que tenha tal poder.

Teria ele hesitado fugazmente? Ou teria a sua desesperada necessidade de se agarrar a qualquer esperança conjurado tal ilusão? — E então o frasco? — disse rapidamente. — E se eu lhe tocasse...

— Esquece o frasco — berrou ele, empertigando-se a toda a sua altura e olhando-a fulgurante. — Pertence-me, e eu já te disse que não te pode fazer retornar ao teu tempo. O frasco é propriedade *minha*. Farias bem em renunciar a pensar nele e em jamais mo tornares a mencionar.

— Recuso-me a acreditar que não haja maneira de eu regressar.

— Mas esse é o primeiro facto que tens de aceitar. Até reconheceres que não podes retornar a casa, não terás esperança de sobreviver aqui. Uma das primeiras lições que se ensina a um guerreiro é que o negar das circunstâncias apenas resulta no não reconhecimento do verdadeiro perigo. E asseguro-te, Lisa Stone, que há um perigo infinito na tua presente situação.

— Não me assusta — disse ela, desafiadora.

Ele aproximou-se tanto que o seu corpo roçou o dela, mas ela recusou-se a recuar um centímetro que fosse. Pelo que lhe dizia respeito, ele podia pôr-se de pé em cima dela que ela não cederia terreno; tinha o sentimento de que terreno perdido não era coisa que uma pessoa jamais reavesse de Circenn Brodie. Restituiu-lhe o olhar fulgurante.

— Deverias ter medo de mim, moça. És uma tola se não tens medo de mim.

— Então sou uma tola. Se viajei no tempo uma vez, isso pode acontecer outra vez.

— Tomara eu que pudesse, pois decerto tornaria a minha vida mais fácil. Então não estaria preso neste dilema. Mas não sei como fazê-lo acontecer. Acredita nisso, pelo menos.

Lisa deu consigo a estudar-lhe o rosto da forma como ele lhe buscara os olhos uns momentos antes, procurando maneira de avaliar se ele lhe estava a dizer a verdade. Mas ela era suficientemente inteligente para reconhecer que estava na defensiva — sendo ele a maciça e invencível ofensiva. Seria avisado da sua parte não o provocar de mais.

— Tréguas temporárias? — ofereceu por fim, não o intentando de todo, resolvida a descobrir o frasco à primeira oportunidade e a combatê-lo da forma que pudesse.

— Abster-te-ás de marinhar pelas minhas paredes?

— Promete-me que não me tentará matar sem antes mo dizer, de modo a ter um tempinho para aceitá-lo? Uns dias chegariam — contrariou, protelando uma eventual morte como quer que fosse.

— Simularás ser prima de de Bruce, tal como eu disse aos meus homens? — disse ele gravemente.

— Promete que, se houver uma maneira de eu voltar a casa, me deixa ir? *Viva* — acrescentou, frisando bem a palavra.

— Diz “oh sim” primeiro, moça — clamou ele.

Lisa susteve o fôlego por um momento, olhando-o. Pouca escolha

tinha senão comprometer-se a esta bizarra trégua com ele. Se tentasse recuar agora, desconfiava de que estariam à luta outra vez numa questão de minutos. — Oh sim — imitou-lhe ela o modo de falar.

Ele estudou-a, como que avaliando até onde ia a sua honestidade e empenho no que dizia. — Então oh sim, moça. Se for descoberta maneira de te fazer retornar, ajudar-te-ei a fazê-lo. — O canto da boca recurvou-se-lhe num sorriso estranhamente amargo. — Fora contigo da minha vida e da minha integridade comprometida — acrescentou suavemente, mais para consigo próprio que para ela.

— Tréguas — aceitou ela. *Integridade*, anotou no seu arquivo mental de factos significativos a respeito de Circenn Brodie. Era coisa importante para ele. Sentiu um lampejo de esperança: as precisas características de cavaleiro que poderiam impeli-lo a cumprir o seu juramento — as quais incluíam integridade, honra, proteção dos mais fracos que ele, e respeito e cavalheirismo para com uma mulher — poderiam igualmente ser feitas prevalecer para o *impedir* de fazê-lo. Matar uma mulher indefesa não seria seguramente coisa fácil para ele. Ela sabia que o selar de um acordo não era coisa de somenos para um cavaleiro, de modo que estendeu o braço para o aperto de mão da praxe sem ter consciência da modernidade do gesto.

Ele contemplou-a por um momento, tomou-a, e então encostou-lha aos lábios e beijou-a.

Lisa recolheu a mão de volta com uma carranca. A pele formigava-lhe de ardor onde os seus lábios a tinham tocado.

— Tu a ofereceste — dardejou ele.

— Não era isso que eu... oh, esqueça — atrapalhou-se, explicando então, — Não há beija-mãos no meu tempo...

— Mas nós não estamos no teu tempo. Tu estás no meu tempo agora, moça. Não posso enfatizar o bastante quão importante é que o recordes, em todas as ocasiões. — A voz dele soou baixa, as palavras demarcadas como se ele estivesse irritado pela reação dela. — E para que não haja mais mal-entendidos entre nós, eu explico: ofereças-me tu uma parte do teu corpo, moça, eu beijá-la-ei. Isso é o que os homens no meu século fazem. — O sorriso dele era trocista, deixando entrever um nada subtil desafio.

Lisa cruzou as mãos atrás das costas. — Compreendo — disse, pondo os olhos no chão em atitude enganadoramente submissa.

Ele aguardou um momento como que não se fiando completamente na sua aquiescência, mas como ela não tornasse a levantar os olhos virou-se para a porta. — Bom. Agora temos de te arranjar vestimenta decente e ensinar-te a ser uma moça própria do século XIV. Quanto mais despercebida passares, menos riscos correrás, e menos arriscada será a tua presença para mim.

— Recuso-me a esvaziar bacios — disse ela firmemente.
Ele olhou-a como se ela tivesse perdido o juízo.

Circenn restituiu Lisa aos aposentos dele, providenciou que lhe levassem água quente para ela se lavar, e depois foi-se em busca de vestimenta para ela. Bacios, deveras. Pensaria ela que eles eram bárbaros ao ponto de não terem latrinas? Os bacios eram usados apenas para emergências noturnas, sobretudo por crianças e enfermos, e em sua opinião não havia razão para que não se pudesse percorrer o corredor, a menos que se possuísse extrema preguiça e falta de disciplina.

Bufou, concentrando a mente na tarefa em mãos. Não lhe poderia dar livre rédea na fortaleza enquanto não houvesse logrado ocultar algumas daquelas curvas e as longas pernas debaixo do vestido mais feio que lhe fosse dado descobrir. Os seus homens não precisavam de distrações. Reuniu as criadas e instruiu-as para que providenciassem o dito, cismando entretanto no que fazer com ela.

Quando interrogara Lisa na noite anterior, quase fora levado a crer que ela era inocente. Ela tinha um ar desarmante, uma atitude de sinceridade. Relaxara um pouco, vislumbrara mesmo um humor retorcido na conversa dos dois. Então ela admitira que era do futuro, e ele apercebera-se de que a sua maldição a transportara inadvertidamente através do tempo.

Embora isso o houvesse deixado estupefacto, fazia sentido: o seu estranho inglês, a sua singular vestimenta, o seu mencionar de nações de que ele jamais ouvira falar, tudo isso era explicado pelo facto de ela ser do futuro. Ele podia certamente entender haver o povo dela fugido de Inglaterra, pensou retorcidamente — quem não quereria fazê-lo? Não o admirava que no futuro a Inglaterra tentasse ainda controlar toda a gente.

Riu-se suavemente, pensando que ela nem sabia a sorte que tinha por haver sido trazida para ele e não para outro lorde medieval. Circenn aceitava as viagens no tempo, mas ele era uma exceção extrema. Qualquer outro *laird* tê-la-ia queimado como feiticeira. Mas também, pensou secamente, nenhum outro *laird* teria tido o poder de amaldiçoar o maldito frasco para começar.

Devia-se a Adam Black o facto de lhe ser familiar a arte de dominar o tempo. Adam fazia-o amiúde, falara muitas vezes de outros séculos, e trouxera a Circenn singulares “prendas” nalgumas das suas tentativas de comprar a lealdade e obediência do *laird*. Prendas que Circenn recusara, mas, como Adam não as aceitasse de volta, trancara-as a salvo numa divisão secreta dos seus aposentos, não se fiando nos poderes que continham.

Sabia que Adam fazia por tentá-lo, na esperança de o levar a tornar-se como ele — e Circenn antes daria cabo de si a permitir que isso acontecesse.

A moça usava uma dessas estranhas “prendas” presa em torno do pulso, antes de Circenn lhe haver feito deslizar do braço na luta de ambos na noite passada. Inspeccionara-a mais tarde: era o que Adam denominara certa vez de “relógio”. Adam achara-o por demais divertido, dizendo que era assim que os mortais contavam o seu “patético tempo de vida”. O relógio dela parecia confirmar a sua história.

A crer na sua versão dos acontecimentos, o seu cofre fora levado pelo rio, emergindo à tona nalguma zona remota. Não fora encontrado, e, com o tempo, a natureza enterrara-o. Centos de anos se haviam passado antes que tivesse sido desenterrado, e quando ela lhe tocara, fora trazida de volta para ele.

Seria possível que, no futuro, os homens ainda procurassem as relíquias e o segredo do frasco tão cobiçosamente como faziam no seu século? Seria possível que ela ali houvesse sido trazida para pôr a descoberto os tesouros dos *Tuatha Dé Danaan* e dos Templários? Porventura teria suscitado do envolvimento de Adam nisto, não fossem duas razões: não fazia sentido que Adam lhe trouxesse uma mulher que ele havia jurado matar, e Adam não manipulava os acontecimentos a menos que houvesse uma coisa muito específica que ele tivesse a ganhar das suas tortuosas maquinações. Circenn não via uma só coisa que Adam pudesse desejar obter nesta trama. O frasco e as relíquias pertenciam já à raça de Adam; Circenn era meramente o guardião. Adam modelara já Circenn ao seu desejo — nada mais poderia ele possivelmente esperar “mudar” no *laird* de Brodie. Não, cismou Circenn, nada de Adam havia nisto. Mas a moça podia estar de conluio com os “patrões” que mencionara; ela bem poderia vir de um traíçoeiro futuro, no encaixe dos seus segredos.

Teria de estar de olho nela, estudá-la, mantê-la por perto. Levaria tempo, e tempo era um luxo a que ele dificilmente se podia dar na azáfama de uma batalha em progresso. Ademais, cogitou, todo o tempo passado na presença da moça era uma lenta tortura. Por mais que abominasse admiti-lo, era suscetível no que a ela tocava. Espantosa, orgulhosa, sensual, e inteligente, a mulher seria uma adversária formidável — ou valiosa aliada. Ele não conhecera uma mulher como ela em séculos.

Amaldiçoe-me de volta para casa, dissera ela. Circenn bufou, recordando a sua súplica. A única pessoa que podia mandá-la de volta para casa era precisamente a pessoa que a mataria instantaneamente se a soubesse ali: Adam. Certamente que não podia chamar Adam e pedir-lhe que mandasse a mulher para casa, assim como não se podia arriscar a encontrar-se com Adam para tentar desenterrar pistas quanto ao seu eventual envolvimento.

O mais negro elfo era por demais esperto para se deixar sondar, mesmo por Circenn.

Ele estava a agir contra tudo por que jamais vivera, todas as suas cuidadosas regras destinadas a mantê-lo humano; estava a quebrar um juramento, a defender uma pessoa que podia ser uma espia, a mentir aos seus homens. Estava a correr um risco enorme deixando-a viver, e se estivesse enganado...

Suspirando, acabou de dar ordens e dirigiu-se para a cozinha a fim de preparar os seus homens para a apresentação de Lisa MacRobertson, prima de Robert de Bruce.

Adam Black não se dignou materializar-se. Permaneceu invisível, um ardente sopro de ar ligeiramente perfumado de jasmim e sândalo, seguindo o rasto de Circenn, consumido de curiosidade. Esse perfeito modelo de homem — Circenn Brodie, que jamais infringira uma regra, jamais deixara trair uma fraqueza, que nem uma só vez vacilara nas rígidas questões da moralidade — estava a quebrar um voto juramentado e a voluntariamente ludibriar os seus homens. *Fascinante*, maravilhou-se Adam. Pensara por muito tempo que o *laird* de Brodie não tinha ponto por onde vergar, e quase desesperara de jamais encontrar o catalisador apropriado.

Pressentia que Circenn não acreditava estar Adam envolvido no seu presente enredado, pois nada lograva discernir que Adam pudesse desejar. Adam sorriu ao de leve. Circenn odiava ser manipulado. Mais valia que o *laird* de Brodie permanecesse abençoadamente desconhecedor de que Adam orquestrara cuidadosamente cada lance deste jogo, e que jogava pela parada mais elevada de todas.